

## ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I	Cronograma do Grupo de Adultos Surdos
Anexo II	Cronograma dos Grupos de Adultos Ouvintes
Anexo III	Autorização para Realização de Pesquisa
Anexo IV	Guião de Entrevista à Profissional de RVC
Anexo V	Guião de Entrevista aos Formadores
Anexo VI	Transcrição da 1ª Entrevista
Anexo VII	Transcrição da 2ª Entrevista
Anexo VIII	Transcrição da 3ª Entrevista
Anexo IX	Transcrição da 4ª Entrevista
Anexo X	Transcrição da 5ª Entrevista
Anexo XI	Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC

## Anexo I - Cronograma do Grupo de Adultos Surdos

<b>NÍVEL BÁSICO - GRUPO (SURDOS)</b>		
<b>PROCESSO RECONHECIMENTO, VALIDAÇÃO E CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS</b>		
<b>SESSÕES DE RECONHECIMENTO</b>	<b>PLANO PESSOAL QUALIFICAÇÃO (FORMAÇÃO COMPLEMENTAR)</b>	<b>VALIDAÇÃO E CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS</b>
<b>"O meu nome, teu nome, todos os nomes"</b>		
22/02/2012 (19h às 22h)		
<b>Expetativas /Carac. física e psicológica</b>		
01/03/2012 (19h às 22h)		
<b>Árvore genealógica</b>		
07/03 e 08/03/2012 (19h às 22h)		
<b>As minhas competências</b>		
12/03/2012 (19h às 22h)		
	<b>CE</b>	
	<b>Meio ambiente</b>	
	05/03/2012 (19h às 22h)	
	<b>Sistema Nacional Saúde</b>	
	14/03/2012 (19h às 22h)	
<b>História Vida (infância, percurso escolar, formativo, social)</b>		
15/03, 19/03 e 21/03/2012 (19h às 22h)		
<b>História Vida (percurso profissional)</b>		
22/03/2012 (19h às 22h)		
	<b>CE</b>	
	<b>Curriculum vitae</b>	
	26/03/2012 (19h às 22h)	
<b>Curriculum vitae</b>		
27/03/2012 (19h às 22h)		
	<b>TIC</b>	
	<b>Curriculum vitae</b>	
	29/03/2012 (19h às 22h)	
	<b>LC</b>	
	<b>Como vejo e leio o mundo</b>	
	11/04 e 12/04/2012 (19h às 22h)	
	<b>Publicidade</b>	
	16/04/2012 (19h às 22h)	
	<b>Reclamação/carta apresentação</b>	
	18/04/2012 (19h às 22h)	
	<b>MV</b>	
	<b>Areas e volume</b>	
	20/04/2012 (19h às 22h)	
	<b>Gráficos</b>	
	24/04/2012 (19h às 22h)	
	<b>Medidas de localização</b>	
	26/04/2012 (19h às 22h)	
	<b>Porcentagens</b>	
	27/04/2012 (19h às 22h)	
	<b>Conversões cambiais</b>	
	02/05/2012 (19h às 22h)	
<b>Balanco processo</b>		
03/05/2012 (19h às 22h)		
<b>ETAPA D2 – VALIDAÇÃO DE COMPETÊNCIAS – EQUIPA PEDAGÓGICA: 23/04/2012 A 28/05/2012</b>		
<b>Projeto final</b>	<b>TIC</b>	
09/05/2012 (19h às 22h)	<b>Projeto final</b>	
	10/05 e 16/05 (19h às 22h)	
<b>ENTREGA PRA ADULTOS À PROFISSIONAL RVC</b>		
17/05/2012 (19h às 22h)		
		<b>PREPARAÇÃO JÚRI</b>
		04/06 e 21/06/2012 (19h às 22h)
		<b>SESSÃO VALIDAÇÃO</b>
		12/06/2012 (19h às 22h)
		<b>REUNIÃO VALIDAÇÃO</b>
		20/06/2012
		<b>JÚRI DE CERTIFICAÇÃO</b>
		27/06/2012

## Anexo II - Cronogramas do Grupo de Adultos Ouvintes

NÍVEL BÁSICO		
PROCESSO RECONHECIMENTO, VALIDAÇÃO E CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS		
SESSÕES DE RECONHECIMENTO	PPQ (FORM. COMPLEMENTAR)	VALIDAÇÃO E CERT. COMPETÊNCIAS
<b>Apresentação Processo RVCC</b>		
18/10/2011 (19h30 às 22h30)		
<b>As minhas competências</b>		
21/10/2011 (19h30 às 22h30)		
<b>História de Vida (minhas expectativas / autobiografia)</b>		
25/10/2011 (19h30 às 22h30)		
<b>História de Vida (árvore genealógica)</b>		
28/10/2011 (19h30 às 22h30)		
<b>História de Vida (Percurso escolar, profissional)</b>		
04/11/2011 (19h30 às 22h30)		
<b>História de Vida (O meu dia a dia)</b>		
08/11/2011 (19h30 às 22h30)		
<b>Balço processo RVCC</b>		
10/11/2011 (19h30 às 22h30)		
<b>Reconhecimento competências TIC</b>		
15/11, 18/11 (19h30 às 22h30)		
	<b>MV</b>	
	<b>Conversão cambial</b>	
	22/11/2011 (19h30 às 22h30)	
	<b>Medidas de localização</b>	
	24/11/2011 (19h30 às 22h30)	
	<b>Percentagens</b>	
	25/11/2011 (19h30 às 22h30)	
	<b>Perímetros, Áreas e Volumes</b>	
	29/11/2011 (19h30 às 22h30)	
	<b>Escalas</b>	
	02/12/2011 (19h30 às 22h30)	
	<b>Teorema de Pitágoras</b>	
	06/12/2011 (19h30 às 22h30)	
	<b>TIC</b>	
	<b>Modelo PRA</b>	
	15/12/2011 (19h30 às 22h30)	
	<b>Criar conta email</b>	
	20/12/2011 (19h30 às 22h30)	
	<b>Árvore genealógica</b>	
	17/01/2012 (19h30 às 22h30)	
	<b>CE</b>	
	<b>Meio Ambiente</b>	
	03/01/2012 (19h30 às 22h30)	
	<b>Sistema Nacional Saúde</b>	
	05/01/2012 (19h30 às 22h30)	
	<b>Curriculum Vitae/carta apresentação</b>	
	06/01/2012 (19h30 às 22h30)	
	<b>LE</b>	
	<b>O Livro que eu escolhi</b>	
	10/01/2012 (19h30 às 22h30)	
	<b>A Publicidade</b>	
	12/01/2012 (19h30 às 22h30)	
	<b>Carta Reclamação</b>	
	13/01/2012 (19h30 às 22h30)	
	<b>TIC</b>	
	<b>Curriculum Vitae</b>	
	19/01/2012 (19h30 às 22h30)	
	<b>Apoio atividades MV</b>	
	20/01/2012 (19h30 às 22h30)	
<b>Elaboração projeto final</b>		
24/01, 26/01 E 27/01/2012 (19h30/22h30)		
<b>ENTREGA PRA ADULTOS À PROFISSIONAL RVC</b>		
31/01/2012 (19h30 às 22h30)		
<b>Reconheciment. competências LC/CE/TIC</b>		
23/02; 27/02 E 28/02/2012 (19h30/22h30)		
		<b>ENTREGA PRA PRVC /EQUIPA PEDAGÓGICA</b>
		07/02/2012
		<b>REUNIÃO VALIDAÇÃO DE COMPETÊNCIAS</b>
		20/02/2012
		<b>PREPARAÇÃO SESSÃO JÚRI</b>
		14/02 E 06/03/2012
		<b>JÚRI DE CERTIFICAÇÃO</b>
		09/03/2012

## Anexo III - Autorização para Realização de Pesquisa

Exmo. Senhor Diretor

Agrupamento de Escolas Henrique Sommer

Cecília Maria Soares da Silva Roussos, aluna de Mestrado em Ciências da Educação, área de especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário, deseja realizar uma investigação sobre os procedimentos/estratégias implementados no desenvolvimento do processo de RVCC a adultos surdos, que decorreu no Centro Novas Oportunidades deste agrupamento, tendo como orientadora a Professora Doutora Maria Antónia Barreto.

Para este efeito, necessita de recolher dados sobre os adultos do grupo NB42 e da colaboração da equipa técnico-pedagógica que realizou o processo a esses mesmos adultos. Esta colaboração consiste na realização de um inquérito por entrevista à equipa, tendo em conta as adaptações feitas ao processo.

Durante todo este processo de investigação seguirá fielmente as orientações éticas e deontológicas em vigor.

Deste modo, vem solicitar, a Vossa Excelência, a devida autorização para que possa realizar esta pesquisa junto da vossa Instituição.

Aguardando resposta,

Maceira, 16 de fevereiro de 2012

---

(Cecília Maria Soares da Silva Roussos)

## Anexo IV - Guião de Entrevista à Profissional de RVC

<b>Tema:</b> Adaptação do Processo RVCC a adultos surdos	
<b>Objetivo Geral:</b> - Identificar e refletir sobre os procedimentos utilizados na implementação do PRVCC à população de adultos surdos.	
<b>Designação dos blocos</b>	<b>Questões/Abordagens</b>
A Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O presente questionário por entrevista tem como objetivo recolher informação junto da equipa técnico-pedagógica do Centro Novas Oportunidades da Escola Básica e Secundária Henrique Sommer sobre os procedimentos utilizados na implementação do Processo de RVCC a adultos surdos.</li> <li>✓ Obrigada pela sua disponibilidade. Neste momento, estou a desenvolver um projeto de investigação no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação: Educação e Desenvolvimento Comunitário e esta entrevista é de extrema importância na recolha de elementos para o estudo empírico da mesma.</li> <li>✓ Desde já, informo que o conteúdo da mesma é confidencial e que os elementos recolhidos serão utilizados única e exclusivamente para este trabalho.</li> <li>✓ Esta entrevista será gravada e enviar-lhe-ei a sua transcrição na íntegra.</li> </ul>
B Perfil do entrevistado	<p>Para começar, agradecia que referisse os seguintes aspetos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ área de formação;</li> <li>✓ experiência em EA;</li> <li>✓ se foi a primeira vez que acompanhou um grupo com estas características;</li> <li>✓ se tem formação de LGP.</li> </ul>

## Anexo IV - Guião de Entrevista à Profissional de RVC (cont.)

<p style="text-align: center;">C</p> <p style="text-align: center;">Apresentação do Processo de RVCC</p>	<p>Atendendo às características do grupo, como preparou a primeira sessão, de acordo com os seguintes tópicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ a apresentação do processo de RVCC (terminologia, metodologia de História de Vida, a distinção deste processo de outros percursos regulares) ;</li> <li>✓ a apresentação dos intervenientes (equipa técnico-pedagógica e intérprete de LGP);</li> <li>✓ a apresentação das metodologias (co docência);</li> <li>✓ apresentação do cronograma;</li> <li>✓ atividades a desenvolver.</li> </ul>
<p style="text-align: center;">D</p> <p style="text-align: center;">Descodificação do Referencial Competências Chave</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Que estratégia (s) utilizou na descodificação do Referencial Competências Chave, comparativamente aos adultos ouvintes, para que os adultos surdos evidenciassem as competências?</li> </ul>
<p style="text-align: center;">E</p> <p style="text-align: center;">Evidenciação de Competências</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Que estratégia (s) para que os adultos construíssem a sua História de Vida e evidenciassem as competências de acordo com o Referencial de Competências Chave?</li> </ul>
<p style="text-align: center;">F</p> <p style="text-align: center;">Portefólio Reflexivo de Aprendizagens</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Identifique algumas diferenças entre um PRA de um adulto surdo e de um adulto ouvinte, tendo em conta o conteúdo, a construção e a reflexividade.</li> </ul>
<p style="text-align: center;">G</p> <p style="text-align: center;">Júri de Certificação</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Como foi preparada a Sessão de Júri de Certificação para este grupo (número de sessões de preparação; escolha do avaliador; apresentação de grupo/individual; temas apresentados; Plano Desenvolvimento Pessoal; pessoas convidadas a assistir, etc.)?</li> </ul>
<p style="text-align: center;">H</p> <p style="text-align: center;">Adaptações ao processo de RVCC</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Comparativamente à planificação do processo de RVCC para ouvintes, quais as adaptações mais significativas realizadas para o desenvolvimento do processo para os adultos surdos?</li> </ul>
<p style="text-align: center;">I</p> <p style="text-align: center;">Ações de Melhoria</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Neste momento, se iniciasse um novo grupo com estas características o que faria diferente?</li> </ul>
<p style="text-align: center;">J</p> <p style="text-align: center;">Finalização</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Para terminar a entrevista, há algum aspeto que gostaria de acrescentar?</li> </ul>
<p style="text-align: center;">L</p> <p style="text-align: center;">Agradecimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Muito obrigada.</li> <li>✓ A gravação e a transcrição serão disponibilizadas ao entrevistado.</li> </ul>

## Anexo V - Guião de Entrevista aos Formadores

<b>Tema:</b> Adaptação do Processo RVCC a adultos surdos	
<b>Objetivo Geral:</b> Identificar e refletir sobre os procedimentos utilizados na implementação do PRVCC à população de adultos surdos.	
<b>Designação dos blocos</b>	<b>Questões/Abordagens</b>
A Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O presente por entrevista tem como objetivo recolher informação junto da equipa técnico pedagógica do Centro Novas Oportunidades da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário de Maceira sobre os procedimentos/estratégias utilizados na implementação do Processo de RVCC a adultos surdos.</li> <li>✓ Obrigada pela sua disponibilidade. Neste momento, estou a desenvolver um projeto de investigação no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação: Educação e Desenvolvimento Comunitário e esta entrevista é de extrema importância na recolha de elementos para o estudo empírico da mesma.</li> <li>✓ Desde já, informo que o conteúdo da mesma é confidencial e que os elementos recolhidos serão utilizados única e exclusivamente para este trabalho.</li> <li>✓ Esta entrevista será gravada e enviar-lhe-ei a sua transcrição na íntegra.</li> </ul>
B Perfil do entrevistado	<p>Para começar, agradeça que referisse os seguintes aspetos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ área de formação;</li> <li>✓ experiência em EA;</li> <li>✓ se foi a primeira vez que acompanhou um grupo com estas características;</li> <li>✓ se tem formação de LGP.</li> </ul>

Anexo V - Guião de Entrevista aos Formadores (cont.)

<p>C</p> <p>Descodificação do Referencial Competências Chave</p>	<p>✓ Que estratégia (s) utilizou na descodificação da sua área de competências chave?</p>
<p>D</p> <p>Evidenciação de Competências</p>	<p>✓ Que estratégia (s) utilizou comparativamente aos adultos ouvintes para que os adultos surdos evidenciassem as competências na sua área de formação?</p>
<p>E</p> <p>Portefólio Reflexivo de Aprendizagens</p>	<p>✓ Identifique algumas diferenças entre um PRA de um adulto surdo e de um adulto ouvinte, tendo em conta o conteúdo, a construção e a reflexividade.</p>
<p>F</p> <p>Júri de Certificação</p>	<p>✓ Como foi preparada a Sessão de Júri de Certificação para este grupo (número de sessões de preparação; escolha do avaliador; escolha do intérprete; apresentação de grupo/individual; temas apresentados; Plano Desenvolvimento Pessoal; pessoas convidadas a assistir, etc.)?</p>
<p>G</p> <p>Adaptações ao processo de RVCC</p>	<p>✓ Comparativamente à planificação do processo de RVCC para ouvintes, quais as adaptações mais significativas realizadas para o desenvolvimento do processo para os adultos surdos?</p>
<p>H</p> <p>Ações de Melhoria</p>	<p>✓ Neste momento, se iniciasse um novo grupo com estas características o que faria diferente?</p>
<p>I</p> <p>Finalização</p>	<p>✓ Para terminar a entrevista, há algum aspeto que gostaria de acrescentar?</p>
<p>J</p> <p>Agradecimento</p>	<p>✓ Muito obrigada.</p> <p>✓ A gravação e a transcrição serão disponibilizadas ao entrevistado.</p>

## Anexo VI - Transcrição da 1ª Entrevista

**P:** Começa por falar da área de formação e da tua experiência na Educação e Formação de Adultos.

**R:** Eu sou professora do Ensino Básico, variante de Matemática e Ciências da Natureza. Em termos de experiência de...com ensino de adultos, eu comecei a trabalhar com ensino de adultos em 2008 como mediadora em cursos EFA. Fui mediadora em dois cursos EFA.

**P:** Foi a primeira vez que acompanhaste um grupo com estas características?

**R:** Sim. Foi a primeira vez que acompanhei um grupo de surdos.

**P:** E a formação em LGP?

**R:** Não. Não tinha qualquer formação em LGP assim que comecei a trabalhar, assim como a maioria dos formadores que tínhamos a acompanhar este grupo.

**P:** Agora, sobre a primeira sessão no processo de reconhecimento. Como sabes é muito importante porque é nela que é feita a apresentação do processo, a terminologia que é muito própria deste processo, sobre a metodologia da HV, do BC, a importância de distinguir entre este processo e o processo regular, os intervenientes, a apresentação dos vários membros da equipa, as metodologias de trabalho, a apresentação do cronograma e as várias atividades a desenvolver. Agora, tendo em conta as características deste grupo, como é que foi preparada esta sessão?

**R:** Então, para prepararmos esta...essa primeira sessão, ou seja, a primeira sessão, o que nós pretendíamos era para já fazer uma apresentação dos membros da equipa. Como sabíamos através dos intérpretes de LGP que eles não têm, não usam o nome “normal”. Portanto, têm o nome gestual para cada pessoa, portanto pretendíamos fazer um bocadinho disso, ou seja, a apresentação. Não só apresentamos as siglas que constituíam o processo, onde eles puderam... Levamos uma fichinha onde eles puderam escrever isso, assim como escolher, atribuir nome gestual às pessoas que ainda não tinham nome gestual porque havia professores/formadores que eles já conheciam e, portanto, já tinham nome gestual. Outros...pronto...fizemos isso nessa sessão. Obviamente que lhes explicamos o que é que era fundamental num processo de reconhecimento porque eles iam um bocadinho com a ideia de escola...

**P:** O que é que foi diferente em relação a um grupo [de ouvintes]?

**R:** Enquanto os outros grupos, na minha opinião, já levam uma ideia mais bem formada, apesar de algumas dúvidas, do processo de reconhecimento. Eles não tinham

essa ideia, ou seja, eles iam muito, aliás isso ainda permaneceu durante algum tempo, a ideia de que iam aprender, iam para a escola para aprender a ...não é? A questão do reconhecimento para eles...até pela dificuldade, se calhar, linguística deles...é uma coisa que nos ultrapassa se calhar ...e não foi fácil...não foi fácil... Não foi fácil explicarmos-lhes o que era um processo de reconhecimento até porque eles, de facto, têm em termos linguísticos, não só a língua gestual tem outra estrutura como em termos de significados, ou seja, o processo de RVCC tem uma série de coisas que são muito abstratas, apesar de tudo, que é complexo explicar-lhes. Pronto em termos da apresentação foi essencial...falámos com o intérprete, tinha sempre que estar um intérprete...Decidimos que em termos de metodologia era passado ao intérprete o que íamos trabalhar nessa sessão...em termos de metodologia, portanto, eles já conheciam o intérprete, os vários... Até porque os vários intérpretes fazem parte digamos assim do grupo social deles... Partilham a associação de surdos. E depois é assim, encontram-se com eles em muitos outros locais, onde eles necessitam de intérprete, na segurança social, etc. E portanto, não é, eram conhecidos. Eram conhecidos da associação de surdos, já de serem requisitados para outros...outras situações. Em termos de metodologia tivemos de lhe explicar que tinham de estar sempre dois professores em sessão optamos pela co docência para chegar de uma forma mais eficaz de acompanhamento e por outro lado porque tínhamos noção das nossas limitações isso permitia-nos colmatar um bocadinho a falta de experiencia nalguns casos. Uma forma de ultrapassar, o grupo era grande, ou seja nós tínhamos experiência com o grupo mas foi com metade dos adultos, o grupo não só era o dobro mas quer, quer o professor que os ia acompanhar não tinha à partida experiência com esse público.

**P:** Este grupo foi em itinerância. Os outros também foram?

**R:** Foi uma itinerância, os outros também foram. O que significa que havia formadores com experiência e formadores também com falta de experiência, também foi uma maneira de ultrapassarmos essa questão. Explicamos-lhes o cronograma. O cronograma à semelhança dos outros grupos já tinha identificado os dias por cor. Para eles foi uma forma fácil de se adaptarem ao tipo de sessões que tinham, sessões de reconhecimento, de formação, etc. ... E pronto. Explicamos-lhes um bocadinho como é que iria ser, como é que iria ser o processo, como era a Sessão de Júri, o que é que correspondia uma Sessão de Júri, no fundo para eles terem uma noção breve do processo.

**P:**Sobre a descodificação do referencial, relativamente aos ouvintes, como é que foi feita esta descodificação com o grupo dos surdos?

**R:**Logo a partir das primeiras sessões. Se calhar, a partir da segunda sessão, nós tomámos consciência que as atividades que estávamos a dar aos adultos ouvintes não podiam ser trabalhadas da mesma forma porque eles não conseguiam sequer entender as frases que nós tínhamos nos instrumentos de medição que nós tínhamos. Nessa altura, reunimos com uma pessoa que é especialista em comunicação para surdos, Dra. Josélia Neves. De facto, foi fundamental porque ela teve a capacidade de nos explicar muitas das diferenças, nomeadamente, eu não tinha noção e alguns colegas meus também não dessa tal diferença de estrutura linguística e a dificuldade que eles têm de facto com a língua portuguesa, ou seja, nós tomámos consciência, no fundo com ela, nessa reunião, que eles estavam a fazer um processo de reconhecimento no fundo numa segunda língua que não era a língua materna deles. Isso fez-nos repensar tudo, ou seja, com o apoio dela decidimos, então, também, numa perspetiva, de não só reconhecer as competências mas também ajuda-los a que a formação fosse mais eficaz e ajuda-los um bocadinho à integração até porque eles passaram-nos logo a dificuldade que tinham em ler um jornal mesmo que fosse as letras gordas etc... Portanto, ajuda-los um bocadinho a fazer a integração no mundo dos ouvintes e então optamos por, a conselho da Dra. Josélia, tentar fazer algum progresso ao nível da comunicação da língua portuguesa. E, portanto, fizemos uma reformulação de todas as fichas, fizemos em conjunto, tanto eu como os formadores. E todas as fichas tinham...passaram a ter, primeiro, tinham uma frase onde eles colocavam apenas cruces, depois eles a partir dessas cruces formavam frases e a partir dessas frases formavam um texto. E portanto, fizemos isto, usamos toda esta metodologia, no fundo, para todos os trabalhos que necessitávamos para que eles evidenciassem as competências e portanto o sistema de reconhecimento, no fundo a estratégia foi um bocadinho essa.

Em termos de descodificação do referencial isto caiu logo, à partida, um bocadinho por terra, ou seja, aquilo que à partida nós conseguíamos explicar um grupo de ouvintes para eles, entendemos logo, que era de todo inútil para já porque eram coisas muito abstratas, não é? E, portanto, não valia a pena estarmos a explicar-lhes não é determinadas coisas que não cabem na estrutura de significados deles e, portanto, optamos por passar logo à fase de formação e de reconhecimento.

**P:** A que estratégia recorreu para que os adultos construíssem a história de vida e evidenciassem as competências?

**R:** Ok. À semelhança daquilo que eu disse agora, enquanto nos adultos ouvintes nós temos uma estrutura de PRA que entregamos e os adultos vão de facto, ou seja, entregamos sugestões e eles vão fazendo, o que corresponde a determinados percursos com uma série de pontos que eles podem ou não desenvolver de acordo com a sua experiência, portanto, de uma forma muito mais autónoma. Aqui nós fechamos, no fundo, o leque de hipóteses, ou seja, separamos por percursos, efetivamente, tínhamos a noção de que, por exemplo, trabalhar o currículo era uma coisa muito mais importante do que num grupo de ouvintes. Até porque a maioria deles não tinha e estavam desempregados. Demos mais importância a determinado tipo de coisas e optamos então para que os instrumentos tivessem as tais cruces com perguntas fechadas, raramente com perguntas abertas, e isso foi, portanto, todas essas fichas inicialmente foram vistas e acompanhadas pela Dra. Josélia que nos ajudou a entrar um bocadinho naquilo que é o mundo de um surdo e depois também optamos por enviar sempre essas fichas para os interpretes não só, na perspectiva, deles conhecerem a ficha para poderem fazer o seu trabalho de uma forma capaz mas também por que eles conhecem o mundo dos surdos e, portanto, deram-nos também um bocadinho o feedback daquilo que eles seriam ou não capazes de perceber e de responder e, portanto, foi um bocadinho por aí. A história de vida, fomos-lhes dando os tais trabalhos centrados no percurso pessoal deles, o ensino, percurso escolar, infância, percurso profissional já muito com uma estrutura muito semelhante à estrutura do currículo para que eles não tivessem dificuldades em construí-lo (o currículo) e o percurso social com perguntas muito fechadas sobre aquilo que são as hipóteses e as convivências deles sociais que noutros meios não existe. Com os ouvintes existe uma panóplia de hipóteses que com eles se fecha.

**P:** Relativamente ao percurso social, em termos de atividades, de leitura?

**R:** Em termos de atividades eles centram-se, eles não têm...eles têm muita dificuldade em atividades de lazer... Eles não leem, porque eles dizem, de facto, não existem livros adaptados ou existem muito poucos livros adaptados a eles e a opinião deles é que aqueles que existem são muito com um teor muito infantil. E, portanto, não existem livros de língua portuguesa com a estrutura da língua gestual. E, portanto, eles

não os entendem, assim como não entendem as revistas e os jornais e portanto desmotivam-se na leitura, portanto as atividades sociais deles, percebemos que passam por ir à missa, pela associação de surdos, ir ao *shopping*, tudo o que envolva ver, muito em grupo. Com tudo aquilo que são atividades que envolvem isso. Nomeadamente, o *poker*, eles têm uma dinamização muito forte ao nível do *poker*, nomeadamente a nível internacional. Eles fazem campeonatos, participam, etc. Porque nós tínhamos hipótese que considerámos com o público ouvinte que a eles [surdos] não lhes dizem rigorosamente nada.

**P:** Comparando um PRA de um adulto surdo com o de um adulto ouvinte quais são as principais diferenças em termos de conteúdos, de construções, de reflexividade?

**R:** A questão da reflexividade num surdo é uma questão muito relativa porque eles não têm capacidade reflexiva. Não têm se calhar porque o sistema de ensino que têm para eles não lhes permitiu adquirir isso.

**P:** Ou não são capazes de adquirir pela língua gestual?

**R:** Ou pela língua portuguesa. E depois porque acho que de facto alguns deles, ou seja, eles vivem muito no mundo deles e também há questões sobre as quais eles não refletem pura e simplesmente, nem querem saber se quer. O ambiente é uma questão um bocadinho relativa para eles, não é? Que não lhes diz muito. Em termos de portefólio, o que é que optamos por fazer? Optamos por fazer um portefólio muito centrado na cor e na imagem porque tinha que ser isso que caracterizava, ou que puxava, digamos assim, pela motivação deles. Portanto, arranhamos uma estrutura de portefólio, para já um portefólio em suporte de papel, já subdividido por cores, onde eles pudessem associar as atividades e os formadores às cores para poderem ter alguma organização baseada na memória visual e organizarem-se com base nisso. E o portefólio, além disso, enquanto, de facto, nos outros grupos não revela o percurso, digamos assim, em termos de processo de reconhecimento, nos surdos é mais evidente, ou seja pusemos todos os trabalhos, todos os trabalhos corrigidos por mim, os trabalhos eram corrigidos por nós equipa e depois eles voltavam a escrever, a corrigi-los, os trabalhos que tiveram que passar a computador para evidenciar competências na área de TIC e, portanto, tudo isto estava lá e isso mostrou uma evolução que nos outros PRA`s não existe, não mostravam.

**P:** Sobre a Sessão de Júri, como é que foi organizada relativamente a este grupo? E se houve diferenças?

**R:** Tinha de ser uma sessão, para já, todos nós concordámos, centrada na parte profissional. Fazia todo o sentido. E foi preparada com a participação efetiva de toda a equipa e com uma participação grande deles.

**P:** Achas que não aconteceu nos outros grupos?

**R:** Na minha experiência não. Houve um envolvimento muito maior, essencialmente da professora de TIC porque era tudo muito baseado em imagem e portanto, ou seja, nós optamos por, equipa, fazer uma estrutura que nos pareceu, a nós, importante. Essa estrutura foi discutida com o avaliador. Essa estrutura foi discutida com o avaliador. Depois de ter sido discutida em equipa foi discutida com o avaliador. O avaliador também introduziu até porque também já tinha experiência com surdos noutros grupos e foi muito interveniente e muito ativo, de facto, na forma como podíamos fazer uma sessão, uma sessão da melhor maneira possível.

**P:** Não houve mais sessões de preparação?

**R:** Não houve mais sessões que há nos outros grupos, mas houve um trabalho extra grande feito por eles. Ou seja, nós propusemos um guião e depois esse guião, eles tornaram-se, ou seja, contrapuseram, aumentaram coisas... Propuseram coisas, não é? Ou seja... E houve coisas, de facto, muito interessantes. Entretanto houve uma participação muito grande deles porque eles têm de facto um grande interesse em “ficar bem no filme” eles querem mostrar que são capazes e, portanto, aquilo para eles era como um exame final. Foi essa a forma forma como nós lhes conseguimos passar o que era uma sessão de júri. E foi assim que eles entenderam, que aquilo era um exame final e portanto eles tiveram um trabalho extra, e muito bom, de preparação, de montagem de filmes, etc. que permitiu que o número de sessões não fosse maior mas que...

**P:** Houve pessoas convidadas para a Sessão de Júri?

**R:** Sim, nomeadamente da ASAE, da associação e os filhos deles.

**P:** E pessoas que passaram pelo processo de certa forma também os motivou?

**R:** Sem dúvida.

**P:** Como a Goreti?

**R:** Não. Sem dúvida, sem dúvida...que eram adultas que já tinham frequentado o processo e até porque eles conhecem-se e, no fundo, todos eles frequentam os mesmos locais onde se juntam e, portanto, conhecem-se. Isso para eles é importante. E a

presença dos filhos... Enquanto para os adultos ouvintes os filhos virem assistir... ok é um motivo de orgulho para eles. Aqui, os filhos ajudaram imenso.

**P:** Na parte da comunicação?

**R:** Na parte da comunicação e tiveram um papel muito mais ativo quer no decorrer do processo e na Sessão de Júri. Há ali um sentimento de orgulho muito grande de pais para filhos e de filhos para pais, muito mais do que aquilo que vejo, normalmente, nos adultos ouvintes.

**P:** E a própria escolha do avaliador também foi tida em conta?

**R:** Sim, sem dúvida nenhuma. Era um avaliador extremamente sensível, já com experiência nesta área e, portanto, pareceu-nos a escolha mais indicada até pela experiência que já tinha.

**P:** Pensando no processo de um modo geral. Quais foram as adaptações mais significativas para este grupo?

**R:** Se calhar foi mesmo, ou seja, por um lado, a questão do portefólio já em suporte de papel, com os percursos já feitos e por outro lado teve uma componente formativa, que não sendo de todo a suficiente e a que eles esperavam, foi, se calhar, uma componente formativa superior àquilo que acontece num grupo. Ou seja, o balanço reconhecimento/formação, enquanto o processo de reconhecimento deve efetivamente ser um processo de reconhecimento, ter 50 h de formação, aqui, embora houvesse as 50 h de formação, mas muitas das sessões de reconhecimento, no fundo, funcionaram como sessões de formação e, portanto, o balanço formação/reconhecimento foi mais formação do que reconhecimento. Até porque, até porque, e na minha opinião, não poderia ser de outra maneira. Volto a referir é como se eles estivessem a fazer um processo de reconhecimento numa língua que não é a língua materna deles... Isto é...isto é essencial porque altera tudo.

**P:** Mais alguma adaptação? Então o portefólio, a questão da formação...

**R:** E se calhar a questão em termos de equipa. Nos outros processos, não fazemos co docência... Aqui a co docência foi essencial para aumentar...lá está... os rácios formação/ reconhecimento, não é? Para conseguirmos acompanhar no fundo de uma forma mais capaz e mais eficaz.

**P:** Talvez também o recurso a imagens?

**R:** Sim, sim. O recurso a imagens, aliás, foi sempre preferido pronto...O PowerPoint, tudo. Nós projetávamos todas as fichas. Em comparação com os ouvintes, nós dávamos as fichas e lemos e discutíamos. Ali não...a ficha era projetada, era lida e era explicada

porque mesmo com os termos simples para eles, não é? Lá está...Estamos na língua portuguesa e não na língua gestual. Portanto, a estrutura de língua...Nós explicávamos-lhes todas as frases porque todas as frases para eles eram muitas confusas, não é? É evidente que notámos que isso ao longo do processo foi sendo mais simples, mas foi uma adaptação óbvia que fizemos.

**P:** Para terminar, se neste momento, iniciasses um grupo com estas características, o que é que farias diferente?

**R:** É assim...Eu acho que genericamente, e com o tempo que nós tínhamos, nós fizemos o que foi possível.

**P:** Tanto que houve um envolvimento por parte da equipa...

**R:** Houve...Se calhar, eu propunha sempre haver...Era bom que este tipo de processo, com este tipo de público, pudesse ocorrer com muito mais formação e que a equipa pudesse ter mais horas efetivas de formação, além das 50 horas.

**P:**A formação ser superior ou senão que houvesse UFCD's?

**R:** Ou então se iniciasse...Gostaria de iniciar o mesmo percurso mas que eles tivessem UFCD's não só em TIC, mas também nas várias áreas o que lhe permitia um *background* diferente para depois iniciar então o processo de reconhecimento efetivo. Além de que gostaria, num outro grupo, se calhar, de discutir a questão efetiva de fazer o reconhecimento na língua deles porque aquilo que me parece efetivamente justo é que eles pudessem fazer um reconhecimento em língua gestual portuguesa que é a língua materna deles porque aí estão equiparados àquilo que nós fazemos com os outros adultos.

**P:** Mas isso implicaria por parte da equipa...

**R:** Isso implicaria que eles tivessem que ser avaliados ao nível de LGP, não é? E depois...para já houvesse uma avaliação ... e a partir daí, obviamente, que implicaria, um diagnóstico inicial diferente ao nível da língua, etc. Não é? E portanto, e que depois quando passássemos para a fase do reconhecimento, não é? Lá está...se nós tivéssemos mais conhecimentos, se calhar, de LGP, para também os podermos acompanhar nesse processo de língua gestual. Isso, eu entendo que era o justo, não é? Que os punha ao nível dos adultos ouvintes.

**P:** Mais alguma coisa que acrescentarias?

**R:** Que me lembre não...

**P:** Ok...obrigada.

## Anexo VII - Transcrição da 2ª Entrevista

**P:** Então começa por identificar a tua área de formação.

**R:** Sou licenciada em Informática de Gestão.

**P:** E agora relativamente à experiência em Educação e Formação de Adultos? Foi a primeira vez?

**R:** Foi a primeira vez que tive contato, assim, na formação de adultos...

**P:** E relativamente ao grupo com estas características...de surdos? Também foi o primeiro grupo?

**R:** Também foi o primeiro grupo. Não tenho formação em LGP. Não tenho formação em LGP. A primeira vez que me disseram que eu ia dar formação a um grupo de surdos...fiquei preocupada porque não tinha formação em LGP.

**P:** Relativamente às estratégias utilizadas na descodificação da tua área de competências-chave, que estratégias é que utilizaste? Se utilizaste algum equipamento audiovisual?

**R:** Utilizei o vídeo projetor e depois com o computador a explicar no reconhecimento das competências relacionadas com o ambiente Windows, com o PowerPoint e com o Microsoft Word...Foi tudo explicado através de imagens, exemplificando como é que se fazia...

**P:** Então o recurso a esses equipamentos foi...não costuma ser assim de uma forma tão intensa como foi agora em relação aos surdos?

**R:** Não...é da mesma maneira...É mais ou menos da mesma forma, só que mais pormenor, mais devagar e sempre...Enquanto que os outros tiram apontamentos a dizer como é que se faz, com os passos...Estes aqui têm que estar sempre a recapitular e demonstrando mesmo, tendo sempre ligado o programa.

**P:** Comparativamente aos adultos ouvintes, que estratégias é que utilizaste para que eles evidenciassem as competências em TIC?

**R:** Foi um pegar na parte que faziam nas sessões de reconhecimento e nas outras áreas. Foi mais um acompanhamento relativamente às outras áreas...e passar para o computador pequenos textos, imagens, mais por tópicos...[tem competências de informática] das tecnologias tipo vídeos, vídeo, comunicação porque eles utilizam plataformas específicas, *internet*, no entanto mais o pesquisar na *internet* do que propriamente na parte do e-mail. Não achei que eles tivessem grandes competências de enviar *e-mail*.

**P:** Porque aí já exige mais a parte escrita...

**R:** Porque eles não comunicam por aí. Eles para enviar um *e-mail* têm de escrever, têm de anexar alguma coisa. Eles não iam por aí. É tudo através de 3G, o *oovoo* e a tecnologia 3G.

**P:** Agora...pensa num PRA de um adulto ouvinte e pensa num PRA de um surdo. Quais as diferenças que encontraste? Por exemplo, em termos de conteúdo?

**R:** Num de um surdo...estava mais imagem. O PRA foi elaborado...já tínhamos um *dossier* com separadores, com cores para eles conseguirem identificar cada uma das áreas. Ali [no PRA] está todo o processo.

**P:** Em termos de conteúdo, em termos de construção, em termos de reflexividade.

**R:** [A reflexividade] num adulto surdo não existe... (risos).

**P:** Sobre a Sessão de Júri...sempre tendo em conta o grupo de ouvintes. Como é que foi preparada a Sessão de Júri para eles?

**R:** Nós relativamente à Sessão de Júri (hesitação)...

**P:** Número de sessões. Houve mais sessões para preparação?

**R:** Não, não acho...Acho que foi igual porque eles foram autónomos nesse sentido. Porque eles optaram por fazer tudo relacionado com a atividade profissional deles e depois em pequenos vídeos...

**P:** Porquê essa opção de fazer sobre o trabalho? É onde eles melhor conseguem, se calhar, melhor evidenciar as competências deles...

**R:** E aí a preocupação... [o currículo] de ser em formato digital para poder ser enviado primeiro...Foi mais a nível de vídeos...

**P:** Houve pessoas convidadas para a Sessão de Júri?

**R:** Houve. A ASAE....associação dos surdos, representada pela Isabel Chavinha.

**P:** Houve pessoas surdas que já tivessem feito o processo?

**R:** Esteve lá uma funcionária da escola ...**P:** A Goreti...A Elsa...Duas adultas que já fizeram o processo e um representante da ASAE....

**R:** Os filhos também desempenham...Participaram em sessões... e foi um papel muito importante no acompanhamento porque os filhos eram todos ouvintes.

**P:** A apresentação foi em grupo ou individualmente na Sessão de Júri?

**R:** Foi individualmente... Cada um fez também uma apresentação individual. E depois interligamos as profissões porque havia dois ou três que estavam ligados à...Envolveram-se muito, muito... Eles até diziam que era um exame final que iam fazer... Filmaram eles a comunicarem-se... O Hélder Chavinha foi um grande

dinamizador da Sessão de Júri ele compilou os vários filmes, os pequenos scatches de cada um.

**P:** Outra questão... em termos muito gerais, comparando um grupo de ouvintes com este grupo, quais foram as adaptações mais significativas que fizeste relativamente ao processo?

**R:** Foi só mais o portefólio, porque enquanto que os outros foi tudo em formato digital, o texto todo escrito... ali acabou por haver... já foi entregue os portefólios com os separadores, o que é que eles tinham que colocar em cada um dos separadores, por cada área, com as atividades que o professor desenvolveu nas suas áreas... cada formador.

**P:** Foi o recurso a imagens também... Talvez não seja tanto nos ouvintes?

**R:** Também. Basicamente foi isso, e depois... que as atividades eram também realizadas em função para não escreverem muito.

**P:** Em relação à tua área, nos outros grupos, se calhar, não ias tanto às áreas...Aqui foi um bocado reconhecer através das áreas...através das atividades das outras áreas, tu aproveitaste para reconhecer as competências de TIC?

**R:** Sim. Enquanto nos outros não. Muito mais integração com as outras áreas. Daí... as minhas sessões foram todas dadas juntamente com as outras...em co adjuvância com outro formador.

**P:** E agora para finalizar, se começasses um novo grupo (de surdos) o que é que farias diferente? Achas que houve alguma coisa que falhou?

**R:** Aquilo correu bem...agora se calhar para avaliar mais e para ver melhor as competências fazia atividades para reconhecer as competências de TIC e não ligar tanto às atividades dos outros formadores. Faria eu, uma outra sobre cada uma das áreas, umas atividades para eles realizarem...

**P:** Ou seja, darias atividades mais direcionadas para a tua área?

**R:** Para a minha área e não tanto buscar as atividades dos outros...

**P:** E porque é que achas que faria isso?

**R:** Porque eu acho que é mais fácil para conseguir, às vezes, avaliar e não estar tão dependente dos outros. Porque não sei se conseguiram adquirir bem aquelas competências...e também outra coisa, eu acho...tem-se um processo de reconhecimento com mais duração. Isso é que eu acho...mais...mais sessões. Para este tipo de grupo não pode ser o mesmo número de sessões que os outros “normais”...Aí faz diferença...mais tempo para fazer...mais sessões. E se calhar o portefólio não era dado mas sim construído.

**P:** Porque é que tu dizes isso?

**R:** Porque eu acho que poderiam ser eles a construírem e não sermos nós...

**P:** Seria mais autêntico?

**R:** Exatamente. E assim foi um bocado dado...já com tudo...foi só arquivarem.

**P:** Foi muito padronizado? Igual para todos?

**R:** Exato. Embora, embora todos eles decoraram o seu portefólio no final. Fizeram essa parte...no aspeto gráfico do portefólio.

**P:** Mais em termos exteriores? Em termos interiores...

**R:** Em termos interiores era tudo igual. Nos ouvintes, nós também damos o portefólio, damos o modelo. Ele depois é só escreverem. É passar as atividades que fazem nas sessões e colocar lá.

**P:** Ali [no portefólio dos surdos] está mais evidente a evolução deles.

**R:** Está. Aí sim...Não é que me pareça mal eles terem um portefólio igual.

**P:** E se eles tivessem o portefólio transcrito para língua portuguesa de uma forma mais elaborada? Concordava?

**R:** Mas aí...muito subjetivo também...não sei até que ponto era bom para eles. Depois estavam ali a escrever coisas e para eles aquilo não lhes dizia nada. Eles até queriam, às vezes...eu sinto na minha área que eles até queriam, às vezes, aprender mais outras coisas do que propriamente estarem ali a passarem os textos no processador de texto... Eles tinham vontade era de aprender e outras coisas...e não tanto fazer aquilo, estar ali a escrever no Word...texto. Aquilo não lhes dizia grande coisa

**P:** Se calhar, a formação complementar poderia ter sido?

**R:** Mais rentabilizada e mais tempo. Mais nesse sentido...para eles adquirirem mais competências que eles não tinham...Mesmo assim, conseguimos muito (...). Eu noto que as pessoas querem aprender. Eu vejo na minha área, de informática, seja num grupo de ouvintes ou de surdos, as pessoas queriam sempre aprender e apreciam me em todas as sessões sempre a questionar-me “ E se eu quiser fazer isto como é que eu faço? E se eu quiser fazer aquilo...”. As pessoas têm necessidade de aprender. Eu não tenho dúvidas disso. Porque eles sabem que aquilo lhes faz falta. Saber como é que se coloca uma *pen*? Como é que se grava numa *pen*? Como é que se copia um ficheiro? Como é que se manda um ficheiro por *internet*?

## Anexo VIII - Transcrição da 3ª Entrevista

**P:** Então começa por falar da tua formação, da tua experiência em Educação e Formação de Adultos. Então, a tua formação.

**R:** A minha formação inicial é...é licenciatura em Geografia. Terminei em 1986, sem estágio integrado. Iniciei depois o trabalho em várias escolas...

**P:** E agora em Educação e Formação de Adultos?

**R:** Educação e Formação de Adultos...posso dizer que logo passados pouco anos depois de iniciar, na década de 90, comecei por dar aulas, na Batalha à noite, a adultos, ao nível secundário. Nos cursos complementares noturnos, 12.º ano. Depois dei na Rodrigues Lobo e na Domingues Sequeira, no Ensino Recorrente, Nível Básico e Ensino Secundário. Lecionei nas cadeias, na prisão escola e na prisão regional, Ensino por unidades capitalizáveis, Nível Básico e Terceiro Ciclo e depois vim trabalhar para o CNO. Aliás, antes do CNO, ainda lecionei de secundário por unidades capitalizáveis na disciplina de Geografia.

**P:** E agora...formação de LGP?

**R:** Formação de LGP, quando entrámos para o CNO, no primeiro ano de funcionamento do CNO, da organização, o coordenador decidiu que seria bom nós termos alguma formação porque sabíamos que íamos ter um grupo de surdos, embora pequeno, mas um grupo de surdos. E na altura penso que eram cinco adultos, ou seis. Não tenho bem a certeza. E a formação era...foi informal porque não deu direito...e foi semanal, cerca de uma hora semanal...que eu considerei muito pouco.

**P:** E não foram à Casa Pia?

**R:** Fomos ao Centro Nonas Oportunidades da Casa Pia mas não aprendemos lá LGP. Fomos ver como é que eles trabalhavam, como é que os formadores trabalhavam com os adultos, as metodologias, as condições que eles tinham, como é que conseguiam chegar ao portefólio...

**P:** Sentiste que era diferente?

**R:** Na altura eu sentia-me perdida. Para já não sabia o que era um surdo? Não sabia... e tinha medo de ter preconceitos em relação ao surdo. Não queria ter preconceitos em relação...Queriam-me informar...A minha preocupação era conhecer minimamente o funcionamento deles...Como é que trabalhavam? Como é que se descodificava o referencial? Não chegávamos lá...E vi que era preciso trabalhar de outra maneira. Tive

que descobrir, em grupo, como é que devíamos trabalhar com eles. Como é que haveríamos de trabalhar para eles evidenciarem as competências.

**P:** Então, agora outra questão...sobre a descodificação da área de competências-chave, no teu caso Cidadania e Empregabilidade.

**R:** Logo com o primeiro grupo, com a experiência, na prática, vi que era impossível fazer a descodificação...Era muito melhor...Eles tinham sessões com o profissional de RVC. Aliás, tinham duas profissionais de RVC, no primeiro grupo, precisamente pela dificuldade. Embora fossem seis, a dificuldade de como é que deveríamos trabalhar? Todo o grupo tinha essa dificuldade levou-nos a que equipa colocasse dois profissionais de RVC

**P:** Neste grupo, já não eram duas profissionais, mas a profissional...sempre com um formador

**R:** Certo...No segundo grupo, não funcionou tão bem quanto deveria ter funcionado. Para já era uma itinerância e implicou reuniões conjuntas com outro CNO e não foi fácil porque se calhar haveria de haver mais reuniões, chegar a mais consensos. Acho que estávamos perdidos. Tanto eles, como nós estávamos perdidos no trabalho que estávamos a fazer.

**P:** E agora neste? Como é que foi?

**R:** Neste, continuei preocupada...

**P:** Fizeste descodificação?

**R:** Não. Não fiz descodificação...Só por ir a uma sessão...Experimentámos a ir a uma sessão das profissionais e vimos que o nível de compreensão deles não estava de acordo com o referencial...O referencial para eles não significa absolutamente nada.

**P:** Então não houve descodificação do referencial?

**R:** Nós, ao menos, queríamos que eles compreendessem que iam por...que iam demonstrar se tinham competências com este processo. Só eles perceberem isto já era muito para eles, embora eles tenham competências. Nós é que não chegávamos lá às quais...nem como. E como chegar a elas é que foi uma luta para nós.

**P:** Eles podem ter as competências efetivamente...

**R:** Eles têm as competências e se calhar até têm outras... E têm uma cultura própria. E depois eu descobri, neste terceiro grupo, e continuei sempre preocupada, individualmente preocupada, mas menos preocupada porque sabia que me ia apoiar no trabalho da restante equipa e somos uma equipa unida...

**P:** E sentiste que houve um envolvimento muito grande?

**R:** Houve um envolvimento bastante grande neste terceiro grupo no sentido de tentar ultrapassar as dificuldades. E as dificuldades é como chegar a eles? Que não podemos chegar com os mesmos instrumentos e com as mesmas estratégias que utilizávamos.

**P:** Então sendo assim, a próxima questão é, já não sobre a descodificação, mas como levavas os adultos a identificar e a evidenciar as competências na tua área?

**R:** Sem falar exatamente de quais eram as competências, através dos instrumentos de mediação que aplicando esses instrumentos de mediação permitissem evidenciar ... desocultar as competências. Esses instrumentos foram pensados ao pormenor. Eu comecei por pensar... arranjar muitas imagens para aquilo que queria, para o tema que queria em cada sessão. Para o assunto de cada sessão teria que arranjar muitas imagens... porque a linguagem deles é verbal... não é verbal. Porque a nossa língua para eles é uma língua estrangeira. Como tal, nem eu chegaria a eles nem eles a mim, nem com intérprete de LGP, porque teriam que chegar lá com imagens... porque eles pensam com imagens. Para construir algumas frases em português pensámos muito bem como é que construiríamos as frases em português... na nossa língua e então em conjunto com a profissional de RVC e os outros elementos da equipa... os outros formadores e, aliás, a equipa quase toda conseguimos elaborar esses instrumentos de mediação. Com esses instrumentos de mediação já elaborados à base mais de imagens...

**P:** E também recorreram à Dr.<sup>a</sup> Josélia Neves.

**R:** Era o que eu estava para dizer... fomos, à Dr.<sup>a</sup> Josélia Neves, especialista em comunicação para surdos e ela analisou conosco... comigo... contigo e a Cláudia, fomos as três e ela sentou-se conosco com muita paciência... e analisou ao pormenor aquela ficha... ao analisar melhorou-a... explicou-nos porque é que teria que ser melhorada naquele sentido, o que é não faziam sentido nenhum e as coisas que faziam sentido... eliminámos o que não fazia sentido nenhum com a ajuda dela melhoramos muitas coisas e acho que fizemos uns instrumentos de mediação muito interessantes... e que fizeram sentido para eles porque quando os aplicamos, eles não ficaram parados nem ficaram inativos... eles trabalharam muito bem neles...

**P:** Sentiste que conseguiram compreendê-los...

**R:** Pronto. Conseguiram compreendê-los.

**P:** E nos outros grupos não fizeram assim?

**R:** Não... não fizemos... os instrumentos de mediação ao pé... os instrumentos de mediação eram chinês para eles... os outros instrumentos de mediação...

**P:** E vocês sentiram isso?

**R:** Eu senti isso e senti-me mal...

**P:** E agora sentiste que eles...

**R:** Senti um enorme... qualitativo... Do outro grupo para este, senti um grande pulo qualitativo...para já foi trabalhado com a profissional de RVC no início do processo... as sessões eram sessões partilhadas com a profissional e faz sentido ser sempre co docência nestes grupos... nestes grupos... faz sentido... para nos complementarmos e para partilharmos... captamos melhor os sinais... que estamos a ver... o que é que está a resultar... o que é não está... ao intervalo se calhar falamos uma com a outra e apuramos as estratégias. E a coisa melhor que sentimos quando eles estavam em sessão... penso que eram duas horas as sessões... eles estavam envolvidos... estavam ocupados... estavam envolvidos em fazer e quando não sabiam perguntavam e procuravam ser esclarecidos... acho que foi uma parte muito positiva do processo... eu senti-me... senti finalmente que estava a conseguir... estávamos a conseguir... a equipa estava a conseguir finalmente entrar no mundo deles... e fazer com que eles também se envolvessem no processo que estavam a ter...

**P:** Não sei se queres dizer mais alguma coisa sobre as estratégias de identificação e evidenciação de competências? Ou seja... falaste nos instrumentos e no recurso a imagens...

**R:** Sim nos instrumentos... com recurso a imagens, também recorremos à internet... quando havia necessidade, recoríamos à internet... descobrimos interesses deles... contando com a intérprete de LGP... sem intérprete de LGP nós não iríamos nunca lá... a lado nenhum...

**P:** O intérprete ajudou também a conhecer os surdos enquanto minoria?

**R:** É uma cultura... é uma minoria linguística e cultural... compreendi que era um grupo fechado... uma cultura fechada aos restantes e muita coisa lhes passa ao lado... reparei que por exemplo sobre o ambiente muitas coisas lhes passam completamente ao lado... porque eles tem a vida muito ocupada... tem as suas associações... tem os seus assuntos... tem os seus jogos... e na minha opinião são mais felizes do que nós... são felizes porque eles passam ao lado dos grandes problemas do mundo... passam-lhes um bocado ao lado... eles tem muito o pensamento um bocado ocupado... tem a vida pessoal e a vida na associação que é intensa... eles procuram-se uns aos outros para comunicar... para serem felizes... para viverem a vida pessoal e a vida na associação...

**P:** Que é muito intensa...

**P:** E aliás eles já conheciam o intérprete da associação... e isto também fez que, se calhar, durante as sessões, eles soubessem já um pouco da vida dos adultos e ajudasse na construção para a construção da história de vida, sobre algumas experiências que eles já sabiam que os adultos tinham.

**R:** E pois porque... nós conferenciávamos sempre no intervalo no fim de cada sessão... fazer tipo o resumo... apanhado das sessões conjuntamente com o intérprete de LGP. E também durante a sessão... o modo como ele, o intérprete... aliás eram três... como eles os mais experientes lidavam... falavam... comunicavam com os surdos também já se via que tinham algum conhecimento da forma deles... de estar... não é? Também proporcionou aprendizagem da nossa parte... arranjaram uma maneira de estar com eles... porque é um bocado difícil eliminar os nossos preconceitos pessoais... e eles também tem em relação a nós... preconceitos...

**P:** Os surdos em relação á comunidade que os envolve. E agora pensa no PRA de um adulto surdo e num PRA de um adulto ouvinte. Quais são as principais diferenças que tu identificarias em termos de conteúdo, reflexividade.

**R:** É claro que enquanto, que num adulto que não é surdo... um ouvinte... desenvolve a sua história de vida... com maior ou menor dificuldade de escrita. Nós dizemos... “olhe escreva aí a sua história de vida (por exemplo) desde a escola até começar a trabalhar”. Ele pega numa folha e com erros ou sem erros escrevem... na nossa língua... estamos a comunicar... em relação a eles não ... porque eles não sabem escrever... eles não sabem praticamente nada de língua portuguesa...

**P:** Tudo o que lhe foi dito...teve que ser muito concreto.

**R:** Teve que ser muito concreto...

**P:** E passo a passo.

**R:** Eles não escrevem a história de vida... eles... não têm nível de língua portuguesa nunca... e até ao nível da escrita muito menos... eles têm uma escrita incompreensível... a maior parte deles... a escrita deles é frases curtas com verbos trocados, as palavras trocadas...

**P:** Com uma estrutura diferente da nossa...

**R:** com uma estrutura diferente da nossa... quer dizer... não se pode sequer chamar àquilo português... língua portuguesa... não se passa nada aquilo... eles não sabem escrever mas sabem comunicar na língua deles... a questão é... tem... terá que haver sempre um intérprete ... então não quer dizer que não sabem comunicar... eles sabem

comunicar na língua deles, língua portuguesa não sabem... também não lhes foi ensinada... eles vivem a vida deles muito na comunidade deles e dentro... e usando a língua deles... uns com os outros são felizes... não têm problemas de comunicação entres eles... nós é que não chegamos a eles porque não sabemos a língua deles... e portanto, com o recurso, sempre, com o intérprete pelo meio... chegamos à conclusão que os PRA's... os portefólios não poderiam ter o desenvolvimento de um adulto ouvinte. Então os PRA's são em termos de língua portuguesa muito resumidos...

**P:** E estão muito de acordo com as competências deles.

**R:** Muito resumidos... e no fundo nós... com os instrumentos de mediação eles construíram algumas frases... depois das frases para um texto... portanto começamos primeiro com palavras... de palavra para frases... da frase para um texto... um período mais outro período e compor assim um texto. Ao fim de cada instrumento de mediação tínhamos meia página de texto... Mas por este o processo construtivo...

**P:** e foi assim que foi sendo construída a história de vida?

**R:** Claro. Foi assim e com muita base em imagens, não é? Foi assim que foi construída a história de vida...

**P:** Além disso que acabaste de referir, em termos de reflexividade...

**R:** Muito pouco... não se consegue... eu não consegui ter reflexividade...mas não quer dizer que eles não tenham... lá está... isto embora tenha corrido tudo muito bem... continua a ser um processo...

**P:** O processo por si já é complexo...

**R:** Já é complexo... como é que eles lá chegariam? Para mim não chegam nunca... e faz-me imensa confusão pensar em RVC a nível Secundário... eles têm reflexividade... eu não tenho capacidade para verificar a reflexividade deles... porque é numa outra língua... como é que se lhes pede uma reflexão... ou se fossem filmados... ainda pensamos nisso... se lhes fizessem questões que eles pudessem refletir... serem filmados e traduzidos do seu LGP para português... para nós verificarmos o nível de... mas nós não tivemos meios audiovisuais para fazer esse trabalho...

**P:** Passar de LGP para língua portuguesa... para tentar perceber...

**R:** Pô-los a refletir, precisamos de um intérprete... depois para ditar o portefólio, aquilo que eles iam refletir... o tema sobre o qual iam refletir...

**P:** Eu por acaso vi os portefólios da Casa Pia... e vi que... viste?

**R:** Não... aqueles que eu vi eram muito fraquinhos...

**P:** Os portefólios eram traduzidos para a língua portuguesa...

**R:** E essa tradução para mim... será que tem rigor?

**P:** É diferente...

**R:** que rigor tem essa tradução? É aquilo que a pessoa quer que seja? Já estou a criticar...

**P:** são as competências deles na língua portuguesa...

**R:** Quem é traduziu? Quem é que traduz?

**P:** Aqui o produto é diferente...é mais fiel...

**R:** Quem é que traduz não é? Porque se fosse filmado uma espécie de entrevista em que o formador ou o profissional... o formador e o profissional de RVC colocassem uma questão que desse para alguma reflexão e eles desenvolvessem essa reflexão e depois nós não estávamos a perceber nada mas aquilo teria que ser filmado e depois traduzido para quem visse o portefólio... e talvez vissemos algum tipo de reflexão... mas eu... na minha opinião... é muito difícil mesmo assim chegar lá... porque na sessão de júri tínhamos dois intérpretes de LGP... o presidente do júri... aliás o avaliador externo... que lhes colocou a eles algumas questões que dariam alguma reflexão e eu lamento mas na minha opinião eles não demonstraram reflexão... ou estavam nervosos... e se calhar estavam... ou não compreendiam a maneira como lhes era colocada a questão pelo avaliador externo... não os atingia, eles não compreendiam o que é ele estava a querer... até aí eu vi que tinha muita coisa para mudar... porque nós fizemos este processo sem formação... nós equipa fizemos este processo... foi... uma aventura... posso dizer que foi uma aventura...

**P:** Então resumindo... as diferenças... já falaste na reflexividade... em termos da construção do simples para o complexo...

**R:** Sim... isso foi os instrumentos de mediação... sim...

**P:** Em termos de conteúdo?

**R:** Sim... o conteúdo tinha algum conteúdo... mas muito simples... em termos da língua portuguesa...

**P:** E mais alguma diferença?

**R:** Eram frases muito pequeninas... eram frases muito pequeninas, muito concisas... porque também não queríamos que eles fizessem uma coisa que não fizesse sentido para eles... que valeria estar a escrever, a escrever se não percebiam o que estava lá? Português é uma língua estrangeira para eles...

**P:** Outras diferenças que encontraste?

**R:** A maneira como todo o processo decorreu... mas estás a perguntar diferenças no portefólio?

**P:** Do portefólio ainda.

**R:**No tamanho do portefólio e no modo como foi construído... com base em instrumentos de mediação... foi... foi... com instrumentos de mediação... até na matemática também... TIC é mais fácil... por ser uma disciplina prática... aliás uma área prática.

**P:** Sim. TIC acabou por ir às várias sessões das outras áreas... e acabou por ir reconhecendo as competências de TIC através das outras áreas...

**R:** Porque é uma área mais prática. Porque a nossa é mesmo uma área do nosso dia a dia, o que nos rodeia na sociedade, não é?

**P:** Sim, são mais específicas. Nas TIC, ao trabalharem, em CE, o curriculum conseguem evidenciar uma série de competências TIC...

**R:** E nas aulas dava para... cada um tinha um computador... tínhamos boas condições em Pombal.

**P:** Agora sobre Sessão de Júri... como é que foi preparada a Sessão de Júri? Houve alguma diferença?

**R:** Eu como entrei muito no início do processo com a profissional... eu entrei com a profissional de RVC nas sessões iniciais... na parte final eu não participei tanto... foi mais com a professora de TIC e com a profissional...

**P:** Mas achas que houve alguma adaptação para a Sessão de Júri que se possa destacar relativamente aos ouvintes?

**R:** Teve que ser com meios audiovisuais. Foi muito bem preparada a sessão... não é? Tinha uma parte sempre visual...

**P:** Foi muito baseada nas experiências profissionais deles...

**R:** Sim... sim... tinha uma parte visual... foi muito bem preparada... mas não foi preparada por mim...

**P:** Foi mais centrada na parte visual.

**R:** Não se passaram sketches? Partes de filmes da vida deles na associação, na ASAE?

**P:** Exatamente...

**R:** Mostraram para depois falar do que se via... na profissão...

**P:** Sei que foi centrada no trabalho deles.

**R:** E na associação... Ah... e fizeram uma coisa muito interessante... fizeram... como um tinha muito jeito para cinema... aliás tem filmes feitos por ele...**P:** Exatamente...

**R:** O Hélder Chavinha... eles, por proposta nossa também, fizeram pequenos sketches teatrais... não é? Fizeram pequenos teatros para evidenciar as...

**P:** Competências...

**R:** As competências deles... como se cumprimentavam... como é que se encontravam... como é que ensinavam... uns aos outros... tinham essa parte... porque o Hélder Chavinha já estava habituado a fazer esses pequenos filmes...

**P:** Sketches.

**R:** Com ironia... uma parte cómica para mostrar... aliás eles tem na *internet* vários... nunca os viste?

**P:** Vi alguns...

**R:** Eles já têm prática nisso... eles divertem-se a fazer isso... colocam na internet... ele já tem prática nisso... e portanto nós aproveitamos essa competência dele para reunir o grupo e mostrar em sessão alguns sketches deles... e tinham alguns muito engraçados...

**P:** E no final, houve adultos que já passaram pelo processo... também já... surdos... que estiveram presentes na sessão de Júri... a Goreti e a Elsa... A Elsa não... a Goreti também foi uma adulta que passou pelo processo de RVCC...

**R:** a Goreti é uma funcionária aqui da escola...

**P:** Esteve aqui a ASAE representada pela... mas agora esqueci-me o nome... Dr<sup>a</sup> qualquer coisa Chavinha

**R:** Isabel... Isabel Chavinha...

**P:** Mais... mais alguma adaptação? Número de sessões de preparação... penso que não houve... o número de sessões não foi maior... não foi muito diferente porque houve aqui um trabalho...

**R:** Os formadores na parte final houve aqui... na parte final a formadora TIC... trabalhou muito intensamente para que tudo corresse bem... para que tudo desse certo...

**P:** Agora a próxima questão... pensa no processo de um modo geral... as adaptações... faz uma síntese... quais foram as adaptações que tu apontarias mais significativas?

**R:** Os instrumentos de mediação completamente diferentes. Parecem que são muito infantis... parecem infantis...

**P:** Sim, os instrumentos de mediação...

**R:** Instrumentos de mediação... a co docência...

**P:** A co docência...

**R:** O recurso a...o desempenho, muita vontade...

**P:** Também...

**R:** Em fazer...

**P:** Mais do que noutros grupos?

**R:** Sim...

**P:** Achas que aqui houve mais envolvimento por parte da equipa?

**R:** Sim. Eu como estava muito preocupada tive que me unir mais à equipa.

**P:** E foi isso... e disso dependeu muito o sucesso do...

**R:** Eu considero sucesso porque a partir do momento em que nas sessões estavam envolvidos... estavam atentos... estavam entusiasmados... conseguimos... a equipa conseguiu que eles se envolvessem... e que isto fizesse sentido para eles... e isso acho que é sucesso.

**P:** Não os sentiste alheados?

**R:** Não. Não. Podia haver um ou outro... houve dois que se envolveram menos... eram de muito longe... vinham de Coimbra... mas pelo feitio deles... mas a grande maioria (o grupo era de quantos? 16 ou 17?)...

**P:** Acho que menos... menos.

**R:** De qualquer das maneiras o grupo esteve envolvido e entusiasmado... e trabalhou...

**P:** Então resumindo...

**R:** O que estavam a fazer fazia sentido para eles...

**P:** Instrumentos...

**R:** Empenho... coesão de equipa...

**P:** A co docência... e a questão de mais recurso a imagens... e os meios audiovisuais...

**R:** Alteraram... alteraram muito...

**P:** Então são essas alterações que se podem... Imagina que começarias agora um novo grupo de surdos o que é que farias diferente? Se farias alguma coisa diferente...

**R:** Chamaria o avaliador externo antes...

**P:** Antes? Como assim antes?

**R:** Se fosse o mesmo avaliador externo... chamaria para uma reunião... para trocarmos impressões...

**P:** Antes da Sessão de Júri?

**R:** Antes da Sessão de Júri... sim se fosse o mesmo que teve já a primeira experiência que é uma pessoa muito aberta a discussão.

**P:** E sensível...

**R:** Muito sensível ao apuramento de estratégias... Acho que se tivéssemos uma reunião para apurar, métodos, metodologias... especialmente na Sessão de Júri poderíamos

melhorar... no meu entender ou eles estavam muito nervosos ou eles não entenderam o que o avaliador lhes estava a perguntar... mais... mesmo porque pessoas que tinham reflexividade não a demonstraram na sessão de júri... ou era o nervosismo ou acharam que eram perguntas a mais... ou era as duas coisas...

**P:** E além disso o que é que tu farias?

**R:** O próprio avaliador externo foi a primeira vez que esteve... esteve em contato...

**P:** Com um grupo de surdos?

**R:** Pelo menos como avaliador externo... e acho que à segunda vez ele próprio não iria fazer da mesma maneira... como pessoa inteligente que é deve ter reparado que apesar de os motivar para respostas e para a reflexão as respostas eram vãs... curtas e que não levavam... (...) e lembro-me que eles que não... não sei... talvez a forma como formulou as questões fizessem com que eles ficassem bloqueados... e portanto as respostas eram vãs... eu esperava mais deles...

**P:** Além dessa diferença outras coisas que mudarias? Além desse aspeto...

**R:** Começava logo por tentar um envolvimento diferente.

**P:** Mais sessões, mais tempo? O que é que alterarias mais?

**R:** Mais tempo... mais tempo... precisava sempre de mais tempo... eu tinha mais assuntos para... mas o próprio processo tem x horas, não é? De formação complementar...

**P:** Mas achas que o grupo precisava de mais tempo?

**R:** Nunca é tempo demais... o tempo de formação complementar é muito pouco...

**P:** Aumentarias a formação complementar?

**R:** Aumentaria as sessões... aumentaria o número de sessões...

**P:** Além disso, formação complementar...

**R:** tendo em conta aquilo que se pede processo RVCC não esteve muito desequilibrado... em termos de número de sessões... nós estamos limitados pelo número de sessões... só abrindo uma exceção para este grupo... a formação nunca é demais para este grupo... e envolvimento nunca é demais... mas acho que não foi aí que residiu bem o problema...

**P:** Onde é que foi o maior problema para ti?

**R:** Não foi muito problema... foi problema nos dois primeiros grupos... o terceiro grupo já correu bem... muito melhor... muito melhor...

**P:** Mudarias a questão Sessão de Júri?

**R:** Sim... se calhar só mudaria a questão da sessão de júri... se tivéssemos meios e tempo... meios audiovisuais fazíamos umas gravações... como àquelas que disse há bocadinho... aquelas gravações para verem o portefólio digital... para serem projetadas na sessão... que os pusesse a refletir sobre um assunto, um tema... da vida pessoal... da vida profissional... e que se pudesse ver algum nível de reflexividade... mas isso nós chegamos a pensar nisso mas não tínhamos meios... nem tempo nem meios nem recursos materiais... para fazer todas essas gravações... não tínhamos tempo... tínhamos outros grupos... tínhamos muito trabalho

**P:** Mais? Mais alguma coisa?

**R:** Não, acho que está bem... eu gostei muito... eu aprendi muito com a equipa... e de tudo com o trabalho que fizemos e com os recursos que tínhamos... acho que demos um salto qualitativo do segundo para o terceiro grupo de surdos à conta da coesão e do envolvimento da equipa.

**P:** Obrigada

**R:** Obrigada.

## Anexo IX - Transcrição da 4ª Entrevista

**P:** Então para iniciar a entrevista agradecia que me falasse um bocadinho da sua área de formação, depois da sua experiência em Educação e Formação de Adultos. Se foi a primeira vez que acompanhou um grupo com estas características e a sua formação em LGP. Então formação...

**R:** A minha formação académica é a licenciatura em Engenharia Eletrotécnica... Comecei a dar aulas em... há cerca de 30 anos, já... estou... no grupo 230... Ciências e Matemática do 2º ciclo. Em relação à formação de adultos, esta foi a minha primeira experiência... nunca tinha tido experiência anterior... nesta área... portanto, comecei em 2009 aqui no CNO da Maceira. E terminei... e continuo ligado ao CNO até ao final do ano.

**P:** E agora a formação de LGP.

**R:** Formação é uma lacuna que... nunca consegui.

**P:** Não é só sua. É da equipa.

**R:** Pois... não é só minha. Eu sei que alguns colegas formadores aqui do Centro... tiveram alguma formação em LGP... eu nunca tive essa oportunidade... e realmente foi uma falha que... eu... enfim... nunca consegui colmatar... mas que não foi impeditivo no trabalho que tive com... com os adultos surdos...

**P:** Sobre as estratégias utilizadas na descodificação na sua área de competências-chave. Houve algumas estratégias relativamente aos adultos ouvintes?

**R:** Pronto... eu geralmente nos processos ditos normais com adultos normais... não costumo fazer a descodificação separada... separadamente... ou seja incluo a descodificação juntamente com as sessões normais na área em que... em que estou... com os adultos surdos adotei a mesma estratégia... acho que não fazia grande sentido fazer uma sessão individual só com... só para... para isso... então à medida que íamos tendo as nossas sessões... normais na área da matemática... íamos... eu ia... falando... ia exemplificando... ia explicando... geralmente o que é que se pretendia depois com o produto final... no PRA e com o que é que se pretendia com as atividades que eles iam fazendo...

**P:** E as suas sessões foram sempre com outro... acompanhado pela profissional ou ia?

**R:** Não... estava previsto inicialmente fazer um acompanhamento coma profissional mas depois por motivos logísticos e até por motivos de deslocação... nós estávamos a trabalhar com um grupo que ficava relativamente distante aqui do centro de formação.

Decidimos que cada um, cada formador trabalharia individualmente na sua área. Nalgumas sessões houve a co adjuvância...

**P:** A co docência?

**R:** A co docência. Nalgumas áreas e nalgumas sessões. Na minha sessão também houve, uma pelo menos, em que eu estive acompanhado com a profissional, mas no resta da formação não, fiquei sozinho com eles.

**P:** Sobre as estratégias utilizadas para que os adultos evidenciassem as competências também na sua área de competências-chave em relação aos instrumentos...

**R:** Os instrumentos foram os instrumentos normais de uma sessão com adultos normais. Basearam-se, portanto, em fichas de trabalho, em atividades que eles foram fazendo ao longo da sessão acompanhado de meios audiovisuais também, projeções...

**P:** Isso foi mais especializado para o grupo dos surdos?

**R:** Não foi...quer dizer foi. Claro. Teve que se adaptar, por exemplo, nos audiovisuais. Fazer um tipo de apresentações mais práticas, mais diretas, mais ligadas ao dia a dia deles como é evidente porque eles... são muito concretos. Trabalham tudo...Essencialmente eles “comem com os olhos” quer dizer...Tudo aquilo que entra para eles tem que entrar... Como eles não têm o sentido da audição apurado, nem têm a maior parte deles, geralmente é através da visão e de outros sentidos que eles vão adquirindo as competências e vão demonstrando isso. De maneira que houve um cuidado especial principalmente nas apresentações e na realização das fichas de trabalho de maneira a que elas fossem praticas, concretas ligadas ao dia a dia.

**P:** Então é essencialmente isso?

**R:** Essencialmente isso.

**P:** Agora, comparando um PRA de um adulto surdo com o PRA de um adulto ouvinte...Quais são as principais diferenças? Se acha que há? Conteúdo, construção, reflexividade...

**R:** Em questão da reflexividade. É evidente que a este nível não se pode pedir grandes...grandes coisas em relação a isso. Eles são, como eu já disse, muito práticos. Têm um poder de abstração muito reduzido, muito limitado e, pronto, o próprio o ato de refletir é... um ato de... que leva...é subjetivo. É evidente. E eles têm grandes

dificuldades nisso. De maneira que o PRA deles é essencialmente mais prático. É uma demonstração prática daquilo que eles fizeram ao longo do processo.

**P:** Além dessa característica, outras que apontaria?

**R:** aaah.....

**P:** Como diferença... não sei, a construção do portefólio. Acha que é diferente?

**R:** É diferente na linguagem essencialmente. Que...eles não conseguem construir grandes frases a nível linguístico, não é? São frases simples. Muitas vezes, algumas delas mesmo sem sentido. Nós temos que ir buscar o sentido. Enfim...temos que tirar dali aquilo que eles querem dizer mas que não conseguem escrever e pronto. Essencialmente é prático... Com muitas imagens e com muito do trabalho que eles desenvolveram ao longo das sessões.

**P:** Agora, relativamente à Sessão de Júri. Apesar de não ter colaborado tanto na preparação desta sessão. Se acha que houve alguma...alguma adaptação específica para esta sessão em relação à sua área?

**R:** Pronto. Como disse, não estive diretamente envolvido nessa área. É um trabalho que esteve mais ao cargo dos...da Profissional.

**P:** E da formadora de TIC também. Também esteve mais...

**R:** E da formadora de TIC. Exatamente. Portanto, coordenados pelo coordenador. É evidente. E...mas em relação às sessões normais de júri houve um cuidado...Para já houve um cuidado de incluir um intérprete que as outras sessões não têm. Depois houve um cuidado com...

**P:** E passava as...agora isto não tem a ver com esta questão. Mas passava as suas fichas de trabalho para o intérprete?

**R:** Sim. Sempre. Em toda as sessões.

**P:** Porque a matemática por si é uma linguagem universal. Digo eu...

**R:** Nós tínhamos o cuidado sempre que havia uma sessão, nalguns dias antes, passar através de mail, mandar as fichas de trabalho para os intérpretes de maneira quando chegássemos à altura da sessão, o intérprete já sabia exatamente aquilo que iríamos tratar. E sempre... houve sempre esse cuidado. Em relação ao júri...pronto, ele foi preparado...

**P:** Também lá estava o intérprete mais uma vez...

**R:** Também lá estava o intérprete como é evidente. A composição do júri é exatamente igual aos júris normais. A duração também. Depois, houve o cuidado de juntar...fazer grupos. As apresentações...

**P:** Foi por grupos... Estava relacionado com as profissões... não sei.

**R:** Estava relacionado com as profissões exatamente. Tentou-se juntar elementos que desenvolveram a sua atividade profissional dentro da mesma área ou então em áreas parecidas e depois consistia essencialmente em eles apresentarem, falarem sobre o trabalho realizado ou que foi realizado na sua atividade profissional e, pronto, refletir, um bocadinho e depois dependia também daquilo que o avaliador queria que eles falassem, que eles dissessem... Geralmente, era falar sobre isso, falar sobre a sua organização. Eles são um grupo muito organizado em torno do ...

**P:** Em termos de participação social e na associação.

**R:** Exatamente... e na associação... são muito unidos nesse aspeto e esse foi um tema que vinha...

**P:** Foi muito explorado.

**R:** Foi muito explorado nas sessões de júri. Exatamente.

**P:** Outra questão... Sobre a organização do processo de RVCC para ouvintes, agora também de um modo muito geral, quais é que acha que foram as adaptações mais significativas que foram feitas para realizar, para desenvolver este processo?

**R:** Como eu disse já essencialmente ao nível prático. Este foi um processo, portanto, dentro da minha área, que é uma área, enfim, com as suas subjetividades. Geralmente é uma área em que o próprio, em que os adultos têm mais dificuldades. A área da matemática é sempre ligada...

**P:** E acha que eles têm mais dificuldade que os outros? Ou não acha que há?

**R:** Têm... têm precisamente porque a matemática é uma área que era preciso... é muito subjetiva. Não é uma área muito... Apesar do próprio tema, da própria área...

**P:** Nós achamos que a matemática que até que é objetiva, não é? Que é uma ciência exata. E que não há grandes dúvidas?

**R:** Ela é exata, mas é preciso raciocínio lógico. É preciso raciocínio dedutivo. São processos que...

**P:** E acha que eles não têm tanto como os outros?

**R:** Tem grandes dificuldades em... abstrat...

**P:** Em abstrair-se.

**R:** Pronto e essa é principal dificuldade. De maneira que as adaptações necessárias neste caso. Já é uma preocupação em relação aos outros adultos, mas nestes, particularmente, é tornar, portanto, os conteúdos que são explorados essencialmente práticos, ligados ao dia ao quotidiano, à vivência deles e pronto.

**P:** Essa para si foi...será a adaptação mais significativa?

**R:** Mais significativa sim...

**P:** Houve mais alguma que queira acrescentar?

**R:**Depois a questão das ilustrações, das fichas de trabalho. Também temos que trabalhar sempre à base da ilustração, da simplicidade nalguns conteúdos... são explorados... enfim... mais superficialmente... de resto não houve grandes adaptações em relação... por exemplo ao... conteúdo dos temas a... explorar... quer dizer... exploramos exatamente tudo aquilo que estava no referencial para eles.

**P:** Para terminar... se iniciasse agora um novo grupo... se faria alguma coisa diferente?

**R:** ahahah... nós estamos sempre a prender... não é?

**P:** O que é que aprendeu?

**R:** (Risos) ... normalmente é com os erros que nós aprendemos... eu penso que...

**P:** Acha que houve uma evolução do primeiro grupo para o terceiro?

**R:**Acho...acho... acho, acho que houve uma evolução por exemplo, na apresentação dos portefólios, do trabalho final.

**P:** dos portefólios sim...

**R:** Aí penso que foi... foi... aí...

**P:** Houve progresso?

**R:** Sim... houve um progresso grande em relação a isso... por exemplo em relação aos primeiros portefólios, nós estávamos a transcrever praticamente para linguagem normal...

**P:** Para a Língua Portuguesa...

**R:** Aquilo que eles queriam...

**P:** Ou achavam que eles queriam dizer...

**R:** Exatamente. Muitas vezes, íamos pelo sentido. A própria construção frásica deles é muito limitada... e eu penso que ao fazer isso estamos... enfim a... deturpar um bocadinho... até porque não sabemos exatamente o que eles querem dizer... em relação ao segundo mas mais precisamente em relação ao terceiro grupo... que nós fizemos... acho que houve uma evolução muito grande nesse sentido. E os portefólios penso eu que estão... apesar de provavelmente mais simples... mais simples no conteúdo...

**P:** Correspondem mais às competências do adulto?

**R:** Correspondem mais à verdade... Estão melhores demonstradas ali as competências do que nos portefólios anteriores.

**P:** Mais alguma coisa que acrescentaria?

**R:** Não... só...

**P:** Que mudaria se iniciasse agora um grupo novo?

**R:** Penso que a estrutura, a estrutura seria igual... poderia mudar alguma coisa.

**P:** Acha que precisava de mais tempo para as sessões?

**R:** Sim.

**P:** Se calhar aumentaria a Formação Complementar? Não sei...

**R:** Sim. Eu penso que o tempo neste caso tem...tem influência. Não quer dizer que o tempo tivesse sido...

**P:** Mais do que os outros grupos? Acha que precisam de mais tempo do que os outros grupos?

**R:** Penso que sim. Exatamente. Precisam de mais. E o que nós verificamos é que tiveram exatamente o mesmo o tempo que os outros grupos. Enfim, por uma questão de organização, de métodos de trabalho. Mas... penso que neste grupo tem de se investir mais. É evidente. E investir mais precisamente, pelo menos, no tempo. Em relação aos materiais e à forma de, enfim...

**P:** Acha que mudaria...e a forma de organizar as sessões?

**R:** Em relação aos materiais não mudaria grande coisa. Agora, penso que seria muito útil eu próprio ter...ter a ferramenta...

**P:** Da formação de LGP?

**R:** Da formação de LGP. E aí sim, penso que mudaria bastante.

**P:** Pois...

**R:** Apesar de não achar impeditivo o facto de não a ter. Agora que...

**P:** É uma barreira que nós sentimos...não é?

**R:** É uma barreira. É evidente. Complica tudo. Mas com força de vontade e...

**P:** As coisas fizeram-se...

**R:** Sim e penso eu que se fizeram bem...

**P:** Mais alguma coisa que deseja acrescentar?

**R:** Mais nada.

**P:** Então, obrigada.

**R:** Nada. Foi um prazer.

## Anexo X - Transcrição da 5ª Entrevista

P: Então, para começar refira a sua área de formação, a experiência em Formação e Educação de Adultos. Se foi a primeira vez que acompanhou um grupo com estas características? A sua formação em LGP? Como é que é?

R: Portanto, eu sou formado em Línguas e Literaturas Modernas, variante Português Francês. Não foi a primeira vez que acompanhei um grupo com estas características. Este foi o terceiro (o grupo de Pombal) e de acordo com o início do processo RVCC do Centro Novas Oportunidades da Escola de Maceira, conseguimos mobilizar 12 horas de formação, resultado de uma parceria, com outra escola e com o recurso de outra escola para termos alguns rudimentos de LGP. Por outro lado, esses rudimentos apenas nos permitem, de vez em quando, descodificar algumas palavras soltas, o significado de algumas palavras soltas, mas não nos permitem aceder à frase e, por vezes, muito menos ao texto.

P: Então, segunda questão, as estratégias utilizadas para a descodificação da sua área de competências-chave - Linguagem e Comunicação?

R: No caso da Linguagem e Comunicação, a preocupação principal foi, sabendo que o referencial, é sempre o mesmo, procurar encontrar estratégias que substituíssem essencialmente a oralidade. Portanto, os documentos preparados, as estratégias preparadas centraram-se maioritariamente no uso da imagem. Portanto, em grande parte, a oralidade, o vocábulo foi substituído pela imagem e procurando, tanto quanto possível, construir texto a partir da imagem. Em particular, ainda, desta vez comecei por usar o filme mudo de Charlie Chaplin, essencialmente para levar à leitura.

P: E o livro que escolheu?

R: Não foi exatamente o livro, foi o filme, neste caso “Kid” para a partir... a partir daí construirmos, digamos, uma narrativa em conjunto, fruto, digamos assim, de uma intervenção tripartida. O documento, as minhas orientações a partir de sequências, de sequências narrativas do filme e para chegar ao texto. Portanto, embora sabendo que se tratava de um processo de reconhecimento há...houve da minha parte a preocupação também de os incentivar...incentivar o adulto surdo para a leitura, para desenvolver, ou vir a desenvolver autonomamente, ou com apoio, competências na área da leitura tendentes a autonomização de integração no mundo dos surdos (???)

P: E agora sobra a evidenciação de competências. Quais foram as estratégias utilizada para que os adultos surdos conseguissem evidenciar as competências na sua área de competências-chave?

R: Tal como disse anteriormente, a preocupação com o uso da imagem, da cor, do... quando escrito, utilizar tamanhos e tipos de letra mais evidentes, utilizar documentos, imagens para recorte, enfim...de permitir a preocupação e evidenciação das competências que são requeridas no referencial de LGP, de LC foram, digamos, os recursos e as estratégias que recorri com mais frequência para além, digamos assim, da importância da mediação dos interpretes com quem trabalhei.

P: Agora, comparando um PRA de um adulto surdo com o PRA de um adulto ouvinte, quais são as diferenças mais significativas que encontra?

R: O mais...a diferença maior está para quem, para quem observa...para quem é externo ao processo, para que observa do lado de fora e não vivenciou. Só quem trabalhou com estes adultos pode verificar, digamos, o trabalho sessão a sessão, a competência do adulto, a capacidade compreensão aos vários estímulos. Em PRA, a evidência escrita não traduz de forma evidente, para alguém que tenha sido estranho ao processo, a competência do adulto. Portanto, entre o escrito, que usa maioritariamente ... as evidências escritas que usa maioritariamente um adulto ouvinte e o adulto surdo há uma grande diferença, portanto, e relativamente difícil no meu entender alguém de fora, alguém que não tenha alguma experiência, alguma vivência com esta população verificar de forma clara as verdadeiras competências comunicativas do adulto surdo. Em particular se ele tiver LGP e se tiver uma identidade forte em LGP.

P: Agora ainda sobre esta questão, e é uma à parte, eu vi os portefólios de adultos da casa Pia e vi que estavam todos em língua portuguesa. Todos, quer dizer, aqueles que vi e tinham textos bastantes, bastantes...bem elaborados. Concorda com isso? Ao fim, as competências que os adultos evidenciaram, através de LGP, depois foram transcritas para a língua portuguesa. E o resultado foi um portefólio muito completo. Comparando com estes achei os nossos são...diferentes.

R: No caso da Casa Pia, trata-se de um centro, digamos, com condições especiais em que toda a equipa detém uma competência LGP muito forte. Em concreto, o LC, o formador serve, pode substituir-se em parte ao intérprete e, portanto, serve de mediador entra a capacidade comunicativa LGP do adulto e, digamos, o mundo dos ouvintes e, portanto, assume essa, esse valor de ser intérprete, esse risco também de ser intérprete e transcrever para um outro código, digamos assim, digamos aquilo que o adulto quer

transmitir, as evidências que o adulto quer transmitir. Portanto, é sempre algo relativamente discutível...

P: Exatamente. É discutível.

R: É uma estratégia. É uma metodologia.

P: Ao fim ao cabo, os nossos...os nossos entre aspas, são o reflexo... são muito o reflexo das competências do adulto em termos de elaboração de texto.

R: Sim. Em parte, em parte...em parte traduzem, digamos...

P: Se calhar de uma forma... as competências do adulto...

R: ...com maior fidelidade,

P: Pois...é isso que eu acho...

R: Com maior fidelidade ... a capacidade de escrita, por uma lado, do adulto e a capacidade comunicativa de acordo com os recursos que tem do adulto surdo com os adultos ouvintes, mas, portanto, sem, digamos assim, uma interpretação, sem haver essa interpretação.

P: E agora sobre a reflexividade. Considera que...como é que é a reflexividade nos surdos?

R: Eles não são mais nem menos reflexivos que os ouvintes.

P: Simplesmente...

R: Cada adulto tem o seu grau de reflexividade.

P: E está evidente no portefólio?

R: Não está evidenciado...e é aí que poderá haver alguma falha. Não está evidenciada a complexidade, toda a complexidade reflexiva de grande parte dos adultos. Porque não havendo essa intermediação, digamos assim, também fica muito ainda, digamos, escondido. De facto, penso que os adultos que foram certificados neste grupo, no geral, têm mais competências do que aquelas que são imediatamente visíveis nos portefólios. Se formos analisar apenas pelos portefólios, se não confrontarmos o portefólio com a pessoa em concreto, o portefólio ficará sempre muito mais pobre do que a pessoa que procura mostrar nas suas competências.

P: Agora sobre a preparação da sessão de júri. Como considera que foi preparada esta sessão e podemos abordar tópicos como número de sessões de preparação...Se acha que foram necessárias mais do que para um grupo de ouvintes, a escolha do intérprete e do avaliador. Se acha se foi pensado ou não?

R: No caso não...portanto, sabendo nós que um portefólio em si mesmo não traduziria grande parte das competências dos adultos, investimos mais na Sessão de Júri. E

investimos mais em dois ou três pilares. Primeiro, a questão da profissionalidade dos adultos, embora aqui não...no básico não se fale em profissionalidade, mas ela esteve presente. Grande parte dos adultos eram ativos, tinham experiência profissional...Experiência profissional muito rica e valorizamos esse pilar, portanto, do reconhecimento de competências. Para outro lado, para evidenciar isso tivemos que fazer mais sessões como é evidente do que um grupo de ouvintes em princípio. E procuramos manter e trabalhar com a equipa, quer de intérpretes, quer o avaliador que já tinham experiência, de pelo menos de dois grupos anteriores, no sentido, também, de colhermos deles sugestões para uma melhor sessão de júri e nesse sentido investimos bastante na Sessão de Júri de forma a que publicamente ficasse, fossem evidenciadas essas competências dos adultos para que o... digamos, a sociedade, de alguma forma, de uma forma presencial pudesse reconhecer os adultos que estavam em presença, e portanto, pudesse, digamos assim, certificar que o trabalho que tínhamos feito com eles era válido e estaria justificada a certificação que lhes iríamos atribuir.

P: E a própria...desculpe...a própria escolha dos interpretes, não é, o facto de serem sempre os mesmos desde o primeiro grupo fez com que a própria equipa de interpretes fosse adquirindo uma serie de conhecimentos acerca de educação e do processo que facilitou se calhar também depois a... Ou seja tentar explicar aos adultos, a este grupo especificamente, o que é que é o reconhecimento de competências. Porque se houvesse uma mudança sempre que houvesse um novo grupo, isso seria mais difícil e o facto de ser sempre os mesmos intérpretes se calhar facilitou e neste terceiro grupo fez com que os próprios interpretes já conhecessem um bocadinho mais do processo e se calhar fosse mais fácil explicar aos adultos o que é em si o reconhecimento que por si só já é bastante complexo mesmos para os ouvintes.

R: Isso foi essencial. Primeiro, porque se trata de conceitos, por vezes, bastante abstratos e o adulto surdo tem muita dificuldade em compreender a abstração. Portanto, ele vive no mundo concreto, precisa de objetos para nomear e, portanto, um grupo de intérpretes ou um intérprete que não esteja familiarizado com toda a terminologia, em particular, e com todo o conceito do processo de reconhecimento ser-lhe-ia praticamente impossível traduzir para o surdo essa...esse conceito. E portanto, isso foi um aspeto essencial, valorizado, essencial e que digamos contribuiu... Os intérpretes tiveram um papel fundamental em todo o processo. Portanto, uma parte... nos processos de reconhecimento para surdos...uma parte muito, muito importante caberá sempre, ou

terá cabido sempre aos interpretes que acompanharam e descodificaram toda a intervenção da equipa, da restante equipa...

P: Agora, pensando na organização do processo para ouvintes, que adaptações mais significativas, acha que foram feitas para o desenvolvimento do processo a adultos surdos? Agora, já mais uma pergunta de caráter mais geral.

R: O principal que teve que... o principal aspeto que teve que ser ...foi sempre pensado e teve que ser pensado foi sempre o trabalho de tradução dos conceitos bastante subjetivos e aquilo que é esperado do adulto...aquilo que é esperado que ele evidencie. Portanto, tivemos que...digamos assim...

P: Passou pela adaptação dos instrumentos...

R: Essencialmente instrumentos.

P: Sim.

R:E...os instrumentos tiveram que sempre como objetivo primeiro que fossem percebidos pelo adulto para em seguida conseguirmos encontrar o modo dele mostrar, de facto, a competência que tinha. Portanto, os instrumentos foram...

P: Além dos instrumentos, foi também a parte visual...

R: Na construção dos instrumentos, aquilo que teve que se ter em conta foi, digamos, o modo como o adulto surdo comunica. Quais são os aspetos significativos da comunicação como surdo? E estamos a falar em particular da utilização da imagem, da construção frásica na perspetiva do adulto surdo, do modo como ele constrói frases e texto, do modo como ele depreende o mundo. E depreende essencialmente pelo lado visual e, conseqüentemente, o modo como ele constrói a visão do próprio mundo. Nós vamos...ao longo da experiência, este foi o terceiro grupo em termos de trabalho com adultos surdos

P: E houve outro aspeto... e agora interrompi, a questão da co docência....Também, se calhar, foi uma adaptação.

R: Por outro lado, a co docência teve mais a ver também com o facto de trabalharmos maioritariamente sempre em grupo para rentabilizar recursos, em particular os intérpretes, e pelo facto do grupo ser bastante grande para este trabalho que se pretendia eventualmente feito de forma individualizada. Por outro lado, nós trabalharmos sempre maioritariamente profissional e formador ou formador e formador, para além do interprete continuamente. Este trabalho em grupo ajudou a ter digamos uma perceção dos diversos modos de apreensão do real pelos adultos surdos porque isso foi umas das conclusões e que cada adulto surdo, à semelhança dos ouvintes, tem o seu

estilo de aprendizagem. Portanto, nem todos surdos aprendem o mundo do mesmo modo, tal como qual quer ouvinte.

P: Então sobre esta, resumindo, temos os instrumentos, a parte visual mais explorada, a co docência ...

R: E foi essencialmente ao nível da organização de todo o processo, toda a planificação do processo que mudou e na construção dos instrumentos adequados, ou pensamos, o mais adequados possível ao objetivo que tínhamos em vista.

P: Agora para terminar, se iniciasse um novo grupo, faria alguma coisa diferente. O que é que acha que não correu tão bem e poderia ser melhorado neste?

R: Aquilo que, eventualmente, para além de mantermos algumas estratégias, a co docência é uma delas, teria...teria...teria certamente utilizado mais...

P: Mais formação complementar, mais sessões individuais que não houve...?

R: Mais formação complementar...certamente, mas não havia recursos.

P: Não havia recursos.

R: A questão dos recursos no trabalho com adultos surdos é essencial. Não havendo competência LGP forte de cada um dos formadores ficamos limitados aos custos com os intérpretes. Portanto, desse ponto de vista, se fosse possível, idealmente, mais sessões de formação...

P: E daí a impossibilidade de realizar este processo individualmente

R: Se fosse possível, o individual...o ideal era faze-lo individualmente. Por outro lado, houve ganhos também no trabalho de grupo porque os adultos quer sejam...

P: E houve muito empenho por parte da equipa neste terceiro grupo?

R: Muito, muito...Por outro lado, ia dizer que, nos adultos ouvintes ou surdos, tendem a apoiar-se cooperativamente, tendem a trabalhar cooperativamente. Isto é uma característica, foi uma característica muito, muito evidente neste grupo de surdos. Eles tinham, uma forte individualidade surda, uma forte ...

P: Identidade.

R: Identidade surda, quero dizer. E isso fê-los trabalhar cooperativamente, fê-los desenvolver muito, muito ao nível das competências. Houve um processo forte de transferência de competências e houve um processo forte de união do próprio grupo, de consolidação de maiores laços de união entre o próprio grupo, uma vez que eles já se conheciam em grande parte da vida associativa.

P: Da associação... Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa?

R: Não.

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Identificação dos Elementos

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>
Identificação	Tempo de Serviço	E1- Não referiu
		E2 - Não referiu
		E3 - Não referiu
		E4 - Comecei a dar aulas em... há cerca de 30 anos
		E5 - Não referiu
	Formação Inicial	E1 - Professora do Ensino Básico, variante de matemática e ciências da natureza
		E2 - Informática de Gestão
		E3 - Licenciatura em Geografia. Terminei em 1986, sem estágio integrado
		E4 - Licenciatura em Engenharia Eletrotécnica... .. estou... no grupo 230... ciências e matemática do 2º ciclo
		E5 - Sou formado em Línguas e Literaturas Modernas, variante Português/Francês
	Experiência Educação de Adultos	E1 - Em termos de experiência de... com ensino de adultos, eu comecei a trabalhar com ensino de adultos em 2008 como mediadora em cursos EFA. Fui mediadora em dois cursos EFA
		E2 - Foi a primeira que tive contato, assim, na formação de adultos

## Anexo XI - Tratamento das entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Identificação dos Elementos

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Identificação	Experiência Educação de Adultos	E3 - Educação e Formação de Adultos...posso dizer que logo passados pouco anos depois de iniciar, na década de 90, comecei por dar aulas, na Batalha à noite, a adultos, ao nível secundário. Nos cursos complementares noturnos, 12.º ano. Depois dei na Rodrigues Lobo e na Domingues Sequeira, no Ensino Recorrente, Nível Básico e Ensino Secundário. Lecionei nas cadeias, na prisão escola e na prisão regional, Ensino por unidades capitalizáveis, Nível Básico e Terceiro Ciclo e depois vim trabalhar para o CNO. Aliás, antes do CNO, ainda lecionei de secundário por unidades capitalizáveis na disciplina de Geografia
		E4 - Em relação à formação de adultos, esta foi a minha primeira experiência... nunca tinha tido experiência anterior... nesta área... portanto, comecei em 2009 aqui no CNO da Maceira
		E5 - Não referiu
	Formação LGP	E1 - Não...não tinha qualquer formação em LGP assim que comecei a trabalhar
		E2 - Não tenho formação em LGP
		E3 - Formação de LGP, quando entrámos para o CNO, no primeiro ano de funcionamento do CNO, da organização, o coordenador decidiu que seria bom nós termos alguma formação porque sabíamos que íamos ter um grupo de surdos, embora pequeno, mas um grupo de surdos. E na altura penso que eram cinco adultos, ou seis. Não tenho bem a certeza. E a formação era...foi informal porque não deu direito...e foi semanal, cerca de uma hora semanal...que eu considerei muito pouco

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Identificação dos Elementos

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>
Identificação	Formação LGP	E4 - Eu sei que alguns colegas formadores aqui do Centro... tiveram alguma formação em LGP... eu nunca tive essa oportunidade... e realmente foi uma falha que... eu ... enfim... nunca consegui colmatar... mas que não foi impeditivo no trabalho que tive com... com os adultos surdos
		E5 - Conseguimos mobilizar 12 horas de formação, resultado de uma parceria, com outra escola e com o recurso de outra escola para termos alguns rudimentos de LGP. Por outro lado, esses rudimentos apenas nos permitem, de vez em quando, decodificar algumas palavras soltas, o significado de algumas palavras soltas, mas não nos permitem aceder à frase e, por vezes, muito menos ao texto
	Experiência com população surda	E1- Foi a primeira vez que acompanhei um grupo de surdos
		E2 - Também foi o primeiro grupo
		E3 -Logo com o primeiro grupo, com a experiência, na prática, vi que era impossível fazer a decodificação
		E4 - Por exemplo em relação aos primeiros portefólios, nós estávamos a transcrever praticamente para linguagem normal
		E5 Este foi o terceiro [o grupo de Pombal]

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Reconhecimento de Competências – Apresentação do processo de RVCC, da equipa e da metodologia

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Reconhecimento	Apresentação da equipa e do intérprete	E1- Então, para prepararmos esta...essa primeira sessão, ou seja, a primeira sessão, o que nós pretendíamos era para já fazer uma apresentação dos membros da equipa. Como sabíamos através dos intérpretes de LGP que eles não têm, não usam o nome “normal”. Portanto, têm o nome gestual para cada pessoa, portanto pretendíamos fazer um bocadinho disso, ou seja, a apresentação (... ) eles já conheciam o intérprete... os vários... até porque os vários intérpretes fazem parte digamos assim do grupo social deles... partilham a associação de surdos. E depois é assim, encontram-se com eles em muitos outros locais, onde eles necessitam de intérprete, na segurança social, etc. E portanto, não é, eram conhecidos Eram conhecido e da associação de surdos já de serem requisitados para outros...outras situações
	Apresentação do processo	E1- apresentamos as siglas que constituíam o processo...onde eles puderam...levamos uma fichinha onde eles puderam escrever isso  E1 – Explicamos -lhes o cronograma. O cronograma à semelhança dos outros grupos já tinha identificado os dias por cor, para eles foi uma forma fácil de se adaptarem ao tipo de sessões que tinham, sessões de reconhecimento, de formação, etc. ... E pronto explicamos-lhes um bocadinho como é que iria ser, como é que iria ser o processo, como era a Sessão de Júri, o que é que correspondia uma Sessão de Júri, no fundo para eles terem uma noção breve do processo

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Reconhecimento de Competências – Apresentação do processo de RVCC, da equipa e da metodologia

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>
Reconhecimento	Apresentação do processo	E1 - a ideia de que iam aprender, iam para a escola para aprender a ...não é? A questão do reconhecimento para eles...até pela dificuldade, se calhar, linguística deles...é uma coisa que nos ultrapassa se calhar ...e não foi fácil...não foi fácil... Não foi fácil explicarmos-lhes o que era um processo de reconhecimento até porque eles, de facto, têm em termos linguísticos
	Apresentação da metodologia de trabalho	E1 - Em termos de metodologia, tivemos de lhes explicar que tinham de estar sempre dois professores em sessão optamos pela co docência para chegar de uma forma mais eficaz de acompanhamento e por outro lado porque tínhamos noção das nossas limitações isso permitia-nos colmatar um bocadinho a falta de experiencia nalguns casos. Uma forma de ultrapassar, o grupo era grande, ou seja, nós tínhamos experiência com o grupo mas foi com metade dos adultos, o grupo não só era o dobro mas quer, quer o professor que os ia acompanhar não tinha à partida experiência com esse público

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Reconhecimento de Competências - Descodificação do RCC-NB

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
		E1 - Em termos de descodificação do referencial isto caiu logo, à partida, um bocadinho por terra, ou seja, aquilo que à partida nós conseguíamos explicar um grupo de ouvintes para eles, entendemos logo, que era de todo inútil para já porque eram coisas muito abstratas, não é? E, portanto, optamos por passar logo à fase de formação e de reconhecimento
Reconhecimento	Descodificação	E2 - Utilizei o vídeo projetor e depois com o computador a explicar no reconhecimento competências... Foi tudo explicado através de imagens, exemplificando como é que se fazia (...) mais pormenor, mais devagar e sempre (...) sempre a recapitular e demonstrando mesmo, tendo sempre ligado o programa
		E3 - Não. Não fiz descodificação... Experimentámos a ir a uma sessão das profissionais e vimos que o nível de compreensão deles não estava de acordo com o referencial... O referencial para eles não significa absolutamente nada
		E4 - Eu geralmente nos processos ditos normais com adultos normais... não costumo fazer a descodificação separada (...) então à medida que íamos tendo as nossas sessões... normais na área da matemática... íamos... eu ia... falando... ia exemplificando... ia explicando
		E5 - Portanto, os documentos preparados, as estratégias preparadas centraram-se maioritariamente no uso da imagem. Portanto, em grande parte, a oralidade, o vocábulo foi substituído pela imagem e procurando, tanto quanto possível, construir texto a partir da imagem. Em particular, ainda, desta vez comecei por usar o filme mudo de Charlie Chaplin, essencialmente para levar à leitura

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Reconhecimento de Competências – Evidenciação de Competências

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Reconhecimento	Evidenciação de competências	<p>E1 - Logo a partir das primeiras sessões. Se calhar, a partir da segunda sessão, nós tomámos consciência que as atividades que estávamos a dar aos adultos ouvintes não podiam ser trabalhadas da mesma forma porque eles não conseguiam sequer entender as frases que nós tínhamos nos instrumentos de medição que nós tínhamos. Nessa altura, reunimos com uma pessoa que é especialista em comunicação para surdos, Dra. Josélia Neves. De facto, foi fundamental porque ela teve a capacidade de nos explicar muitas das diferenças, nomeadamente, eu não tinha noção e alguns colegas meus também não dessa tal diferença de estrutura linguística e a dificuldade que eles têm de facto com a língua portuguesa, ou seja, nós tomámos consciência, no fundo com ela, nessa reunião, que eles estavam a fazer um processo de reconhecimento no fundo numa segunda língua que não era a língua materna deles. Isso fez-nos repensar tudo, ou seja, com o apoio dela decidimos, então, também, numa perspetiva, de não só reconhecer as competências mas também ajuda-los a que a formação fosse mais eficaz e ajuda-los um bocadinho à integração até porque eles passaram-nos logo a dificuldade que tinham em ler um jornal mesmo que fosse as letras gordas etc... Portanto, ajuda-los um bocadinho a fazer a integração no mundo dos ouvintes e então optamos por, a conselho da Dra. Josélia, tentar fazer algum progresso ao nível da comunicação da língua portuguesa. E, portanto, fizemos uma reformulação de todas as fichas, fizemos em conjunto, tanto eu como os formadores</p>

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Reconhecimento de Competências – Evidenciação de Competências

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Reconhecimento	Evidenciação de competências	<p>E1 (cont.) - E todas as fichas tinham...passaram a ter, primeiro, tinham uma frase onde eles colocavam apenas cruces, depois eles a partir dessas cruces formavam frases e a partir dessas frases formavam um texto. E portanto, fizemos isto, usamos toda esta metodologia, no fundo, para todos os trabalhos que necessitávamos para que eles evidenciassem as competências e portanto o sistema de reconhecimento, no fundo a estratégia foi um bocadinho essa. (...) enquanto que nos adultos ouvintes nós temos uma estrutura de PRA que entregamos e os adultos vão de facto... ou seja, entregamos sugestões e eles vão fazendo, o que corresponde a determinados percursos com uma série de pontos que eles podem ou não desenvolver de acordo com a sua experiencia, portanto, de uma forma muito mais autónoma. Aqui nós fechamos, no fundo, o leque de hipóteses, ou seja, separamos por percursos, efetivamente, tínhamos a noção de que, por exemplo, trabalhar o currículo era uma coisa muito mais importante do que num grupo de ouvintes. Até porque a maioria deles não tinha e estavam desempregados. Demos mais importância a determinado tipo de coisas e optamos então para que os instrumentos tivessem as tais cruces com perguntas fechadas, raramente com perguntas abertas, e isso foi, portanto, todas essas fichas inicialmente foram vistas e acompanhadas pela Dra. Josélia que nos ajudou a entrar um bocadinho naquilo que é o mundo de um surdo e depois também optamos por enviar sempre essas fichas para os interpretes não só, na perspetiva, deles conhecerem a ficha para poderem fazer o seu trabalho de uma forma capaz mas também por que eles conhecem o mundo dos surdos e, portanto, deram-nos também um bocadinho o feedback daquilo que eles seriam ou não capazes de perceber e de responder e, portanto, foi um bocadinho por aí</p>

Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Reconhecimento de Competências – Evidenciação de Competências

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Reconhecimento	Evidenciação de competências	E2 - Foi um pegar na parte que faziam nas sessões de reconhecimento e nas outras áreas. Foi mais um acompanhamento relativamente às outras áreas...e passar para o computador pequenos textos, imagens....mais por tópicos...[tem competências de informática] das tecnologias tipo vídeos, vídeo, comunicação porque eles utilizam plataformas específicas, internet, no entanto mais o pesquisar na internet do que propriamente na parte do e-mail
		E3 - Sem falar exatamente de quais eram as competências, através dos instrumentos de mediação que aplicando esses instrumentos de mediação permitissem evidenciar ... desocultar as competências. (...) arranjar muitas imagens para aquilo que queria, para o tema que queria em cada sessão. Para o assunto de cada sessão teria que arranjar muitas imagens... porque a linguagem (...) não é verbal eliminámos o que não fazia sentido nenhum com a ajuda dela melhoramos muitas coisas e acho que fizemos uns instrumentos de mediação muito interessantes
		E4 - Basearam-se, portanto, em fichas de trabalho, em atividades que eles foram fazendo ao longo da sessão acompanhado de meios audiovisuais também, projeções
		E5 - Uso da imagem, da cor, do... quando escrito, utilizar tamanhos e tipos de letra mais evidentes, utilizar documentos, imagens para recorte, enfim... importância da mediação dos interpretes com quem trabalhei

Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Validação de Competências – Portefólio Reflexivo de Aprendizagens

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Validação	PRA	E1 - A questão da reflexividade num surdo é uma questão muito relativa porque eles não têm capacidade reflexiva.
		E2 - [A reflexividade] num adulto surdo não existe
		E3 - Muito pouco... não se consegue... eu não consegui ter reflexividade...mas não quer dizer que eles não tenham
		E4 - É evidente que a este nível não se pode pedir grandes...grandes coisas em relação a isso
		E5 - Eles não são mais nem menos reflexivos que os ouvintes
		Não está evidenciada a complexidade, toda a complexidade reflexiva de grande parte dos adultos (...) Porque não havendo essa intermediação, digamos assim, também fica muito ainda, digamos, escondido
		E1 - portefólio em suporte de papel, já subdividido por cores, onde eles pudessem associar as atividades e os formadores às cores para poderem ter alguma organização baseada na memória visual e organizarem-se com base nisso
		E2 - Estava mais imagem. O PRA foi elaborado...já tínhamos um <i>dossier</i> com separadores, com cores para eles conseguirem identificar cada uma das áreas
		E3 - Foi assim e com muita base em imagens
		E4 - Com muitas imagens e com muito do trabalho que eles desenvolveram ao longo das sessões
E5 -Não referiu		

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Validação de Competências – Portefólio Reflexivo de Aprendizagens

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Validação	PRA	E1 - E o portefólio, além disso, enquanto que, de facto, nos outros grupos não revela o percurso, digamos assim, em termos de processo de reconhecimento, nos surdos é mais evidente, ou seja pusemos todos os trabalhos, todos os trabalhos corrigidos por mim, os trabalhos eram corrigidos por nós equipa e depois eles voltavam a escrever, a corrigi-los, os trabalhos que tiveram que passar a computador para evidenciar competências na área de TIC e, portanto, tudo isto estava lá e isso mostrou uma evolução que nos outros PRA`s não existe, não mostravam
		E2 - Ali [no PRA] está todo o processo
		E3 - Conteúdo tinha algum conteúdo... mas muito simples... em termos da língua portuguesa... eram frases muito pequeninas... eram frases muito pequeninas, muito concisas... porque também não queríamos que eles fizessem uma coisa que não fizesse sentido para eles... que valeria estar a escrever, a escrever se não percebiam o que estava lá? Português é uma língua estrangeira para eles... a escrita deles é frases curtas com verbos trocados, as palavras trocadas...
		E4 - São frases simples. Muitas vezes, algumas delas mesmo sem sentido. Nós temos que ir buscar o sentido. Enfim... temos que tirar dali aquilo que eles querem dizer mas que não conseguem escrever e pronto. Essencialmente é prático
		E5 - Em PRA, a evidência escrita não traduz de forma evidente, para alguém que tenha sido estranho ao processo, a competência do adulto... Se formos analisar apenas pelos portefólios, se não confrontarmos o portefólio com a pessoa em concreto, o portefólio ficará sempre muito mais pobre do que a pessoa que procura mostrar nas suas competências

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do processo de RVCC a adultos surdos

Subtema: Certificação de Competências - Sessão de Júri de Certificação

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>
Certificação	Temas desenvolvidos	E1 - Centrada na parte profissional
		E2 - Relacionado com a atividade profissional deles e depois em pequenos vídeos
		E3 - Mostraram para depois falar do que se via... na profissão... E na associação
		E4 - Estava relacionado com as profissões exatamente. Tentou-se juntar elementos que desenvolveram a sua atividade profissional dentro da mesma área ou então em áreas parecidas e depois consistia essencialmente em eles apresentarem, falarem sobre o trabalho realizado ou que foi realizado na sua atividade profissional (...). Geralmente, era falar sobre isso, falar sobre a sua organização. Eles são um grupo muito organizado
		E5 - Primeiro, a questão da profissionalidade dos adultos, embora aqui não...no básico não se fale em profissionalidade, mas ela esteve presente

Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Certificação de Competências - Sessão de Júri de Certificação

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Certificação	Envolvimento da Equipa	E1 - Houve um envolvimento muito maior, essencialmente da professora de TIC O avaliador (...) foi muito interveniente e muito ativo
		E2 – Não referiu
		E3 - Foi mais com a professora de TIC e com a profissional (...) E da formadora de TIC
		E4 - É um trabalho que esteve mais ao cargo dos...da Profissional
		E5 - E procuramos manter e trabalhar com a equipa, quer de intérpretes, quer o avaliador que já tinham experiência, de pelo menos de dois grupos anteriores, no sentido, também, de colhermos deles sugestões para uma melhor sessão de júri  Os intérpretes tiveram um papel fundamental em todo o processo. Portanto, uma parte... nos processos de reconhecimento para surdos...uma parte muito, muito importante caberá sempre, ou terá cabido sempre aos intérpretes que acompanharam e descodificaram toda a intervenção da equipa, da restante equipa

Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Certificação de Competências - Sessão de Júri de Certificação

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>
Certificação	Assistência	E1 - Sim, nomeadamente da ASAE, da associação e os filhos deles ...adultas que já tinham frequentado o processo
		E2 - A ASAE....associação dos surdos, representada pela Isabel Chavinha Esteve lá uma funcionária da escola (...) foi um papel muito importante no acompanhamento porque os filhos eram todos ouvintes
		E3 - A Goreti é uma funcionária aqui da escola... Isabel Chavinha
		E4 - Não referiu
		E5 - Não referiu
	N.º sessões de preparação	E1 - Não houve mais sessões que há nos outros grupos
		E2 - Não, não acho...Acho que foi igual porque eles foram autónomos nesse sentido
		E3 - Não referiu
		E4 - Não referiu
		E5 - Tivemos que fazer mais sessões (...) do que um grupo de ouvintes em princípio

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Avaliação do PRVCC- Adaptações mais Significativas

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Avaliação	Adaptação mais significativas	E1 - Questão do portefólio já em suporte de papel, com os percursos já feitos
		E2 - Já foi entregue os portefólios com os separadores
		E3 - Não referiu
		E4 - Não referiu
		E5 - Não referiu
		E1 - Ou seja, o balanço reconhecimento/formação, enquanto o processo de reconhecimento deve efetivamente ser um processo de reconhecimento, ter 50 h de formação, aqui, embora houvesse as 50 h de formação, mas muitas das sessões de reconhecimento, no fundo, funcionaram como sessões de formação e, portanto, o balanço formação/reconhecimento foi mais formação do que reconhecimento
		E2 - Não referiu
		E3 - Não referiu
		E4 - Não referiu
		E5 - Não referiu

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Avaliação do PRVCC- Adaptações mais Significativas

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Avaliação	Adaptação mais significativas	E1 - Aqui a co docência foi essencial para aumentar...lá está. Os rácios formação/ reconhecimento, não é? Para conseguirmos acompanhar no fundo de uma forma mais capaz e mais eficaz
		E2 - Não referiu
		E3 - A co docência
		E4 - Não referiu
		E5 - Por outro lado, a co docência teve mais a ver também com o facto de trabalharmos maioritariamente sempre em grupo para rentabilizar recursos, em particular, os intérpretes
		E1 - O recurso a imagens, aliás, foi sempre preferido pronto...O PowerPoint, tudo. Nós projetávamos todas as fichas. Em comparação com os ouvintes, nós dávamos as fichas e lemos e discutíamos. Ali não...a ficha era projetada, era lida e era explicada porque mesmo com os termos simples para eles, não é
		E2 - Também...basicamente foi isso [recurso a imagens]
		E3 - Não referiu
		E4 - Também temos que trabalhar sempre à base da ilustração

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Avaliação do PRVCC - Adaptações mais Significativas

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Avaliação	Adaptação mais significativas	E5 - Quais são os aspetos significativos da comunicação como surdo? E estamos a falar em particular da utilização da imagem, da construção frásica na perspetiva do adulto surdo, do modo como ele constrói frases e texto, do modo como ele depreende o mundo. E depreende essencialmente pelo lado visual e, consequentemente, o modo como ele constrói a visão do próprio mundo
		E1-Nós explicávamos-lhes todas as frases porque todas as frases para eles eram muitas confusas, não é? É evidente que notámos que isso ao longo do processo foi sendo mais simples, mas foi uma adaptação óbvia que fizemos
		E2 - Não referiu
		E3 - Os instrumentos de mediação completamente diferentes
		E4 - Os conteúdos que são explorados essencialmente práticos, ligados ao dia ao quotidiano, à vivência deles e pronto
		E5 - E...os instrumentos tiveram que sempre como objetivo primeiro que fossem percebidos pelo adulto para em seguida conseguirmos encontrar o modo dele mostrar, de facto, a competência que tinha. Portanto, os instrumentos foram

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Avaliação do PRVCC - Constrangimentos e Potencialidades

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Avaliação	Constrangimentos	E1 - Era bom que este tipo de processo, com este tipo de público, pudesse ocorrer com muito mais formação e que a equipa pudesse ter mais horas efetivas de formação, além das 50 horas. (...) Ou então (...) Gostaria de iniciar o mesmo percurso mas que eles tivessem UFCD's não só em TIC, mas também nas várias áreas o que lhe permitia um <i>background</i> diferente para depois iniciar então o processo de reconhecimento efetivo
		E2 - Para este tipo de grupo não pode ser o mesmo número de sessões que os outros normais. Aí faz diferença...mais tempo para fazer...mais sessões (...) Mais rentabilizada e mais tempo. Mais nesse sentido...para eles adquirirem mais competências que eles não tinham
		E3 - Precisava sempre de mais tempo... Eu tinha mais assuntos para... mas o próprio processo tem x horas... não é? De formação complementar? (...) Nunca é tempo demais... o tempo de formação complementar é muito pouco
		E4 - Enfim, por uma questão de organização, de métodos de trabalho. Mas... penso que neste grupo tem de se investir mais. É evidente. E investir mais precisamente, pelo menos, no tempo
		E5 - Mais formação complementar...certamente, mas não havia recursos. (...) Se fosse possível, o individual...o ideal era faze-lo individualmente
		E1 ...mais conhecimentos, se calhar, de LGP, para também os podermos acompanhar nesse processo de língua gestual

Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Avaliação do PRVCC - Constrangimentos e Potencialidades

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Avaliação	Constrangimentos	E2 - Não referiu
		E3 - Não referiu
		E4 Em relação aos materiais não mudaria grande coisa. Agora, penso que seria muito útil eu próprio ter, ter a ferramenta (...). Da formação de LGP.E aí sim, penso que mudaria bastante
		E5 Não havendo competência LGP forte de cada um dos formadores ficamos limitados aos custos com os intérpretes. A questão dos recursos no trabalho com adultos surdos é essencial. (...) Se fosse possível, o individual...o ideal era faze-lo individualmente. Por outro lado, houve ganhos também no trabalho de grupo porque os adultos quer sejam
		E1 - Não referiu
		E2 - ...se calhar para avaliar mais e para ver melhor as competências fazia atividades para reconhecer as competências de TIC e não ligar tanto às atividades dos outros formadores
		E3 - Não referiu
		E4 - Não referiu
		E5 - Não referiu
		E1 - Não referiu

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Avaliação do PRVCC - Constrangimentos e Potencialidades

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>
Avaliação	Constrangimentos	E2 - E se calhar o portefólio não era dado mas sim construído
		E3 - (...) meios audiovisuais fazíamos umas gravações... como àquelas que disse há bocadinho... aquelas gravações para verem o portefólio digital... para serem projetadas na sessão... que os pusesse a refletir sobre um assunto, um tema... da vida pessoal... da vida profissional... e que se pudesse ver algum nível de reflexividade
		E4 - Não referiu
		E5 - Não referiu
		E1 - Não referiu
		E2 - Não referiu
		E3 - Chamaria o avaliador externo antes (...) acho que se tivéssemos uma reunião para apurar, métodos, metodologias... especialmente na sessão de júri poderíamos melhorar... no meu entender ou eles estavam muito nervosos ou eles não entenderam o que o avaliador lhes estava a perguntar
		E4 - Não referiu
		E5 - Não referiu

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Avaliação do PRVCC - Constrangimentos e Potencialidades

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>
Avaliação	Potencialidades	E1 - Não referiu
		E2 - Não referiu
		E3 - Sim. Eu como estava muito preocupada tive que me unir mais à equipa....[que revelou] empenho e coesão de equipa. (...) Eu considero sucesso porque a partir do momento em que nas sessões estavam envolvidos... estavam atentos... estavam entusiasmados... conseguimos... a equipa conseguiu que eles se envolvessem... e que isto fizesse sentido para eles... e isso acho que é sucesso
		E4 - E os portefólios penso eu que estão ... apesar de provavelmente mais simples... mais simples no conteúdo (...) Correspondem mais à verdade... Estão melhor demonstradas ali as competências do que nos portefólios anteriores

## Anexo XI - Tratamento das Entrevistas aos Formadores e à Profissional de RVC (cont.)

Tema: Adaptação do Processo de RVCC a Adultos Surdos

Subtema: Avaliação do PRVCC - Constrangimentos e Potencialidades

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>
Avaliação	Potencialidades	<p>E5 - Por outro lado, a co docência teve mais a ver também com o facto de trabalharmos maioritariamente sempre em grupo para rentabilizar recursos, em particular os intérpretes (...) Este trabalho em grupo ajudou a ter, digamos, uma perceção dos diversos modos de apreensão do real pelos adultos surdos porque isso foi umas das conclusões e que cada adulto surdo, à semelhança dos ouvintes, tem o seu estilo de aprendizagem. Portanto, nem todos os surdos aprendem o mundo do mesmo modo, tal como qual quer ouvinte.</p> <p>Muito, muito...Por outro lado, ia dizer que, nos adultos ouvintes ou surdos, tendem a apoiar-se cooperativamente, tendem a trabalhar cooperativamente. Isto é uma característica, foi uma característica muito, muito evidente neste grupo de surdos. Eles tinham, uma forte individualidade [identidade] surda, uma forte (...) Houve um processo forte de transferência de competências e houve um processo forte de união do próprio grupo, de consolidação de maiores laços de união entre o próprio grupo, uma vez que eles já se conheciam em grande parte da vida associativa</p>